



13 Araraquara concede ao reitor Sandro Valentini o título de cidadão

6 Debate com autoridades marca comemoração de 30 anos da Fundunesp

16 Tese investiga devolução de crianças pelas famílias que as adotaram



jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXXII • NÚMERO 332 • MAIO 2017



Shutterstock

QUADRO DINÂMICO

As mudanças na política externa do Brasil e da América Latina, a estratégia dos Estados Unidos sob o governo de Donald Trump e a redistribuição de poder no cenário mundial contemporâneo foram alguns dos temas discutidos por especialistas de todo o país no Fórum San Tiago Dantas. **páginas 8 e 9**

2 Processos que alteram o universo do trabalho, segundo dois estudiosos

5 Parceria com a Sabesp produz aparelho para detectar vazamentos de água

10 Evento debateu questões ligadas à internacionalização do ensino superior

Mulheres hoje
Situação da mulher é assunto do Fórum, que está disponível apenas on-line, no endereço <http://www.unesp.br/jornal>



Mudanças tecnológicas e relações de trabalho

Discussão exige maior conhecimento do atual estágio de digitalização da sociedade

Marcelo Passini Mariano

Shutterstock

Não é novidade que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) afetam a sociedade em sua totalidade e provocam fortes transformações no mundo do trabalho. Porém, a crescente conectividade e a digitalização dos processos sociais inicia uma fase de maior integração entre as diversas tecnologias existentes.

Com isso, são incorporadas inovações capazes de processar uma enorme quantidade de dados que, agora, se combinam com ferramentas de inteligência artificial (IA) e aprendizado de máquinas que são desenvolvidas.

Essa maior integração de tecnologias digitais se viabilizou em virtude dos seguintes aspectos:

a) Estágio atual de desenvolvimento e expansão da Internet;
b) Concentração de capital, informação e poder computacional em poucas corporações que armazenam e processam em tempo real a grande massa de dados produzida pela sociedade (Google, Facebook, Microsoft, Apple, Amazon etc.);

c) A evolução de sistemas de inteligência artificial e aprendizado de máquinas que, entre tantas outras possibilidades, operam algoritmos que compreendem a linguagem natural humana, reconhecem padrões de comportamento, simulam diversos tipos de situações, recuperam e organizam dados de origens diversas e interagem com as pessoas;

d) O desenvolvimento da Internet das Coisas (IoT) que, apesar de estar em sua fase inicial, diz respeito à ampliação da conectividade entre objetos, não se restringindo a dispositivos específicos, como smartphones ou tablets, mas a qualquer coisa que possa ter algum mecanismo de comunicação eletrônica, seja eletrodoméstico, seja veículo, máquina e outros.

Uma primeira consequência dessa intensificação dos processos digitais sobre o trabalho é vista nas atividades focadas na coleta de dados e tratamento de informações, que vão da substituição das atividades do cobrador de pedágio até a colheitadeira moderna.

No caso da colheitadeira, ela



Como garantir direitos do trabalhador numa realidade em que inteligência artificial e Internet das Coisas ganham importância?

realiza a colheita, mas já automatiza o levantamento de inúmeras informações, como quantidade, localização, qualidade do produto colhido, entre outros aspectos. Esse processo diminui tanto o tempo de análise, como também a intervenção humana, podendo ter os dados processados a distância e em tempo real.

A segunda questão que merece atenção é o desenvolvimento de tecnologias voltadas para a automatização de rotinas que fazem parte do trabalho intelectual. Algumas atividades são mais vulneráveis que outras e, portanto, são baseadas em rotinas mais rígidas e passíveis de automatização mais intensa, como no caso do telemarketing, restando as atividades em que as rotinas exigem melhor formação profissional e capacidade de comunicação interpessoal.

Ressalta-se que, na atualidade, já é possível verificar, em grandes empresas, a automati-

zação de parcela da rotina de profissões de alta qualificação, pela incorporação de sistemas de inteligência artificial e aprendizado de máquinas. Exemplos são as plataformas de apoio à decisão para investimentos, classificação de riscos, rotinas de análise documental no campo do direito, gestão de marketing, comunicação corporativa, diagnósticos médicos, entre outros.

Além do processo de automatização de parte das atividades profissionais, há tarefas que são substituídas por sistemas e outras que são transferidas para o consumidor ou incorporadas à rotina de outras profissões. Um exemplo bem conhecido está na área do turismo, tanto de passeio quanto de negócios.

O que antes era feito por uma agência de turismo e seus operadores agora é substituído, em grande parte, por empresas de tecnologia da informação e comu-

nicação, que apresentam amplas possibilidades de transporte, hospedagem e outros serviços. Como consequência, em virtude da facilidade no uso dos sistemas, o usuário final realiza a maioria das escolhas, que antes eram feitas por um profissional especializado. Assim, cada vez mais, as pessoas ganham atribuições para decidir a partir do trabalho executado por algoritmos.

Desse modo, observamos grandes organizações hipertrofiadas e o surgimento de novas empresas que ganham influência cada vez maior sobre as pessoas, afetando a forma como a sociedade se organiza e como o trabalho se processa. Portanto, a discussão sobre o trabalho necessita incorporar um conhecimento mais profundo sobre o momento atual da digitalização da sociedade.

Abre-se uma série de possibilidades animadoras, em uma primeira reflexão, mas também se colocam muitas dúvidas

quanto às consequências no mundo do trabalho. Como qualificar o trabalhador, garantir seus direitos e adaptar legislações em uma realidade em que a inteligência artificial e a Internet das Coisas (IoT) tendem a ganhar maior importância? Talvez seja um dos maiores desafios do mundo atual.

Marcelo Passini Mariano é docente do curso de Relações Internacionais, da Unesp, Câmpus de Franca, e coordenador do Laboratório de Novas Tecnologias de Pesquisa em Relações Internacionais (Lantri).

Este artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço: <https://goo.gl/JWCbfy>.

De volta à vida útil

Docente de Marília analisa situação de empresas que foram recuperadas pelos trabalhadores

Oscar D'Ambrosio

Henrique Tahan Novaes, professor da Unesp de Marília, lançou em junho seus dois livros, no Hotel Bauen, que é controlado pelos trabalhadores, em Buenos Aires, na Argentina. Ele coordena o curso técnico em Agroecologia para jovens assentados e realiza atividades de extensão junto aos assentamentos do MST da região de Marília. Os dois livros contaram com Auxílio Publicação da Fapesp para publicação de livros no exterior. Fruto da dissertação de mestrado, a obra *O fetiche da tecnologia: a experiência das fábricas recuperadas* (Expressão Popular/Fapesp, 2007; 2ª edição 2010) debate a tecnologia e a organização do processo de trabalho em empresas recuperadas pelos trabalhadores – empresas que faliram e estão sob controle dos trabalhadores. O doutorado, por sua vez, gerou o livro *Reatando um fio interrompido – A relação universidade-movimentos sociais* (Expressão Popular), publicado em 2012 e praticamente esgotado, que trata da interação das instituições universitárias e dos movimentos sociais na América Latina. Tanto o doutorado quanto o mestrado foram defendidos na Unicamp, ambos com financiamento da Fapesp.

Jornal Unesp: Qual a importância das empresas recuperadas pelos trabalhadores?

Henrique Tahan Novaes: Elas nos mostram que os trabalhadores podem controlar os meios de produção, sem os patrões e os gestores. Nelas é possível encontrar formas alternativas de remuneração distintas da forma salarial e meritocrática, o surgimento de uma nova divisão do trabalho e a prevalência das decisões coletivas.

JU: Qual o foco da sua pesquisa de mestrado?

Novaes: Tentei criticar a ideologia do progresso, a visão simplista de que a ciência e a tecnologia são neutras e podem servir para o “bem ou para o mal”. Nos dias de hoje, argumentos que desenvolvi 10 anos atrás chegaram ao extremo. Nossas vidas estão totalmente dominadas pela tecnologia. Basta ver os e-mails vasculhados, os drones, as câmeras de segurança nas cidades, a intensificação do trabalho trazida pelos smartphones, que nos deixam sempre alerta. A ideia



Shutterstock

Para pesquisador, exemplos mostram que é possível produzir para satisfazer necessidades humanas e não para acumular capital

Divulgação

de uma suposta sociedade do conhecimento esconde inúmeros problemas sociais mundiais, como a falta de água e saneamento para boa parte da população do planeta, fenômenos como favelização, subemprego, crescimento brutal do analfabetismo, dentre outros. É preciso lembrar que as forças produtivas se tornaram forças destrutivas. Basta ver o papel das corporações transnacionais na elevação da temperatura do planeta, em desastres ambientais como o do Golfo do México e o de Mariana, além do papel das mesmas na geração de trabalho alienante. Elas destroem o planeta, mas também destroem a vida das pessoas, roubam suas terras, geram emprego de péssima qualidade etc.

JU: E como se dá o debate da tecnologia e da organização do processo de trabalho nas empresas recuperadas?

Novaes: Por força das



Outro tipo de gestão de empresas é possível, afirma Novaes

circunstâncias, os trabalhadores são obrigados a fazer ajustes nas máquinas, repotencializá-las, aumentar a vida útil das máquinas e equipamentos. Tentei mostrar, me apoiando no conceito de adequação sociotécnica desenvolvido pelo meu orientador, que os trabalhadores das empresas recuperadas promovem várias modificações na tecnologia e no processo de trabalho. No processo de trabalho, há algumas tentativas de superar a divisão clássica entre trabalho manual e intelectual.

JU: Qual a quantidade de empresas recuperadas?

Novaes: Se formos olhar do ponto de vista quantitativo, não são muitas. Temos no Brasil cerca de 70 recuperadas. Houve dois importantes estudos conduzidos pelos amigos Flavio Chedid Henriques e Andrés Ruggeri, com inúmeros detalhes sobre as recuperadas. Na Argentina temos cerca de 300 experiências. Creio que devemos prestar mais atenção aos aspectos qualitativos. No Fórum Social Mundial, apareceu o lema “Outro mundo é possível”. Aqui podemos dizer que outra gestão é possível e necessária. Marx, em *O capital*, observando a experiência do cooperativismo em Rochdale (Inglaterra), dizia que os trabalhadores geriam a produção, o comércio, os bancos, mas não deixaram nenhum lugar para os capitalistas. E termina a frase com um tom irônico: “Que horror!”. As empresas recuperadas nos mostram

que os trabalhadores podem gerir todas as questões da vida cotidiana, de forma melhor que os capitalistas e gestores e, além disso, podem produzir tendo em vista a satisfação das necessidades humanas e não a acumulação de capital. A dificuldade encontrada é justamente transcender a autogestão do microcosmo das fábricas para uma autogestão no sentido mais amplo, de autogoverno pelos produtores livremente associados. Olhando com os olhos de hoje, elas surgiram num contexto de ofensiva do capital, que mercantilizava todos os aspectos da vida, reformava o Estado com suas técnicas gerenciais, privatizava as empresas estatais e abria a economia. Diante desse contexto as empresas recuperadas, os assentamentos dos sem-terra, os movimentos sem-teto conseguiram pequenas vitórias em termos de autogestão no microcosmo produtivo.

Anfíbios sob ameaça

Site apresenta informações sobre fungo que ataca populações desses animais em todo o mundo

André Louzas

Anfíbios de todo o planeta estão hoje ameaçados pelo fungo *Batrachochytrium dendrobatidis*, causador da doença quitridiomíose. A fim de divulgar o conhecimento sobre esse fungo, Alba Navarro, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal do Câmpus de São José do Rio Preto, criou em 2016 o Projeto Quitri Brasil. Com apoio da Fapesp, o projeto envolve a produção de um site acessível a pesquisadores, gestores e voluntários ambientais com informações sobre o fungo no país.

Segundo pesquisadora, nos anfíbios, o *Batrachochytrium dendrobatidis* afeta as células com queratina, a proteína responsável pela formação de várias estruturas do corpo. Nos adultos, a infecção acontece na pele e, nos girinos, na região oral. “Anfíbios adultos infectados exibem sintomas tais como aumento da espessura da camada exterior da pele, ulceração e erosão do estrato córneo da pele, despigmentação, perda de apetite, postura anormal e ausência do comportamento de fuga”, detalha.

Já nos girinos, Alba relata que geralmente não há mudança de comportamento, embora em algumas espécies a boca fique inchada e avermelhada, com perda de queratina nas mandíbulas e em seus pequenos dentes.

De acordo com a especialista, a morte dos anfíbios pode ser relacionada ao aumento do número de células epidérmicas,



Mapa mostra locais onde doença já foi registrada no país

o que afeta a troca gasosa do anfíbio com o ambiente e também o equilíbrio de eletrólitos, que carregam os impulsos elétricos entre as células. “Mais recentemente, um estudo mostrou que o *Batrachochytrium dendrobatidis* produz micotoxinas (metabólitos secundários tóxicos) que bloqueiam a resposta imune do anfíbio, inibindo a proliferação de linfócitos e podendo causar morte celular, provocando assim

aumento de infecções no animal”, enfatiza.

A pesquisadora comenta que o comércio internacional de espécies é a principal fonte de disseminação do fungo. “Algumas espécies de anfíbios (como *Lithobates catesbeianus* ou *Xenopus laevis*) são comumente comercializadas como animais de estimação, para uso em laboratórios ou mesmo para o consumo de sua carne, e podem acomodar altas cargas de

Batrachochytrium dendrobatidis sem sucumbir à doença”, acentua. “A ausência de sinais de doença nessas espécies é o que torna mais difícil a detecção do fungo nos controles das alfândegas.”

Alba adverte ainda que estudos concluíram que os répteis com características ecológicas semelhantes às dos anfíbios podem servir como vetores ou reservatórios do fungo. Além disso, algumas aves seriam capazes de dispersar o *Batrachochytrium dendrobatidis* por até 30 km em cada voo.

Para combater o fungo, a opção mais usada é o tratamento direto dos anfíbios infectados. Segundo a estudiosa, análises mostraram que esse patógeno é susceptível a altas temperaturas, a sal e a uma ampla gama de antibióticos e fungicidas. As duas últimas opções parecem ser as mais eficazes, embora exijam uma aplicação cuidadosa, já que muitas espécies são sensíveis a antibióticos.

Outra estratégia é a bioterapia, em que uma cepa benéfica ou um grupo de cepas do fungo são dispersas no habitat ou na pele do anfíbio, a fim de reduzir sua susceptibilidade à doença. “Mas são necessários mais estudos sobre a interação das cepas com cada uma das espécies de anfíbios a ser tratada, pois nem todos os estudos têm relatado sucesso com a utilização de bactérias”, alerta Alba.

SITE

O site esclarece que o *Batrachochytrium dendrobatidis* foi



Alba: comércio de espécies promove disseminação do fungo

descoberto no final dos anos 1990. No Brasil, o fungo foi detectado pela primeira vez em 2004, em girinos da espécie *Hylodes magalhensi*, em Minas Gerais. Em 2016, o número de registros de infecções de anfíbios no Brasil já atingia 158, distribuídos por cinco dos seis biomas: Amazônia, Cerrado, Catinga, Pantanal e, principalmente, Mata Atlântica.

Até o começo de abril, o site já registrou 330 visitas de cinco países – Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Índia e Inglaterra –, além do Brasil. A intenção de Alba agora é disponibilizar o site também em espanhol e inglês.

Conheça o projeto em:
<<http://www.quitribrasil.com>>.

Proposta contra a extinção

Docente de Rio Claro é um dos autores de artigo na revista Science sobre preservação de espécies

Ação humana já causou a extinção de 363 espécies de vertebrados desde o ano de 1500, e poderá levar ao desaparecimento de mais 269 espécies de aves e 350 de mamíferos até 2100. Esses números fazem parte de um artigo publicado em abril na revista *Science* por um grupo de cientistas de vários países que tem entre seus membros o professor Mauro Galetti, do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro.

“A extinção de espécies tem efeito direto na economia e no

bem-estar humano, porque muitas delas provêm serviços essenciais ao homem, como estabilidade no clima, polinizam as plantas que comemos, ajudam a limpar a água etc.”, comenta Galetti.

De acordo com o pesquisador, várias iniciativas têm sido realizadas para reverter o impacto humano no planeta, como, por exemplo, a Convenção da Biodiversidade. Criada e ratificada por 196 nações, essa convenção estipula metas que os países tentam alcançar reduzindo emissões de carbono,

o desmatamento e a perda de biodiversidade. Em 2002, os líderes mundiais se comprometeram a reduzir a perda de biodiversidade em 2010. Essa meta não foi alcançada e houve pouco progresso na reunião de Aichi, no Japão. “A maioria dos indicadores do estado global das espécies e dos ecossistemas mostram contínua deterioração e 58% das populações de vertebrados continuam em forte declínio”, adverte Galetti.

As principais causas para as metas internacionais apontadas

pelos cientistas não terem sido atingidas estão ligadas ao aumento populacional humano, segundo o estudioso. “Nenhum governo ou instituição religiosa discute isso abertamente, mas a ausência de planejamento familiar é o maior problema do planeta hoje”, alerta Galetti.

Um outro ponto levantado pelos cientistas são os baixos investimentos em projetos ambientais. Eles apontam que foram gastos US\$ 21 bilhões em 2005 em projetos ambientais, mas 94% desse valor foi

desembolsado por países ricos, que não detêm alta biodiversidade.

Outro problema da área é o pouco valor dado pelos governos aos órgãos ambientais. “Existe uma ideia de que os órgãos ambientais atrapalham a criação de empregos e que o agronegócio é o que salva a economia do Brasil” alerta Galetti.

Contato com o professor
Mauro Galetti:
Tel.: (19) 3526-4236 - Sala 3 - I
E-mail: <mgaletti@rc.unesp.br>.

Caça ao vazamento d'água

Parceria com a Sabesp produz aparelho adaptado a características da rede de distribuição do país

No Brasil, as perdas com vazamentos nas redes de distribuição de água, em média, superam um terço do produto distribuído. Entre as medidas para reduzir esse enorme prejuízo está o uso dos chamados correlacionadores de ruídos, equipamentos voltados para a detecção de vazamentos em tubulações subterrâneas que hoje são importados a um custo que varia de R\$ 120 mil a R\$ 200 mil.

Uma iniciativa que reúne **Unesp**, Fapesp e Sabesp – empresa responsável pela distribuição de água e coleta e tratamento de esgotos em 365 municípios paulistas – deverá levar à produção de um correlacionador de ruídos nacional, com preço até cinco vezes menor que o dos estrangeiros. O projeto é liderado pelo professor Michael Brennan, da Faculdade de Engenharia, Câmpus da **Unesp** em Ilha Solteira, e tem a participação do docente Fabrício César Lobato de Almeida, da Faculdade de Ciências e Engenharia do Câmpus da **Unesp** em Tupã.



Divulgação

Equipamento poderá ter preço cinco vezes menor que importados

Correlacionadores de ruídos são formados por dois sensores de sinais, um sistema de aquisição e um software que processa esses dados. Os sensores são colocados nos dois pontos extremos do local onde há um possível vazamento, captando desde os ruídos típicos de vazamentos até sons produzidos na rua onde está a tubulação. O sistema de aquisição digitaliza todos esses ruídos e o software faz o processamento dos dados.

Almeida destaca o desenvolvimento do software, que está sendo adequado ao que a Sabesp espera obter do equipamento. “Além de excluir automaticamente os ruídos não relativos ao vazamento de água, o software possui uma medida para avaliar a confiabilidade do sinal captado”, explica. O software em desenvolvimento, segundo o pesquisador, também analisa as características da tubulação enterrada, juntamente com

os efeitos do solo na dinâmica da tubulação.

Para Brennan, pela primeira vez na América Latina uma equipe estuda o correlacionador de ruídos tanto do ponto de vista de hardware como de software. “É, também, a primeira vez que as características do solo e da tubulação estão sendo investigadas”, esclarece. “Ou seja, não é somente o processamento de sinal em si, mas sim toda característica que envolve o problema de detecção de vazamentos, como, por exemplo, o tipo de solo utilizado no assentamento, o tipo de material do tubo etc.”

O grupo já produziu um protótipo do equipamento, que vem sendo testado num campo de provas da Sabesp, até agora com 100% de eficácia na detecção dos problemas. Segundo Almeida, a companhia de abastecimento está estudando a construção de um campo de provas com características mais próximas das condições reais, para realizar novos testes. Em-

bora o novo correlacionador de ruídos ainda esteja em estudo, empresas do Brasil e do exterior já mostraram interesse em produzi-lo comercialmente.

Marcelo Kenji Miki, gerente do Departamento de Execução de Projetos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação da Sabesp, elogia o diálogo entre a esfera acadêmica e a empresarial promovido pela parceria. “Essa troca de experiências desses dois mundos torna o projeto de pesquisa com mais chances de ser bem-sucedido, o que entendemos que é o que está ocorrendo com esse projeto, para a nossa satisfação”, afirma.

Colaborou a professora *Cristiane Hengler Corrêa Bernardo*, do Câmpus de Tupã.

Mais informações:
Professor Fabrício César
Lobato de Almeida
<fabricao@tupa.unesp.br>
(14) 3404-4263

Pela segurança dos voos

Colaboração com a Boeing busca aprimorar precisão de sistemas de navegação por satélite

Marcos Jorge

A **Unesp** e a Boeing Pesquisa e Tecnologia vão colaborar em pesquisas para aumentar a precisão de instrumentos de sistemas de navegação por satélite e dessa forma melhorar a segurança na operação de voos comerciais. A reunião que encaminhou a parceria foi realizada no dia 5 de abril, no prédio da Reitoria, em São Paulo.

Na região equatorial do globo terrestre existe uma faixa onde a atividade magnética da ionosfera prejudica o funcionamento dos sistemas de geolocalização por satélite – o mais conhecido deles é o GPS. De forma simplificada, essas perturbações magnéticas localizadas em uma altura entre o avião e os satélites formam um ponto cego extremamente prejudicial para a aviação porque causam imprecisão nos equipamentos geolocalizadores.

“No caso do GPS usado no automóvel, por exemplo, essa im-



Marcos Jorge

Da esq. para a dir.: Galera, Bueno, Puppini-Macedo, Cabral (atrás), Vergani, Graeff, Ribeiro e o reitor Valentini

precisão é pequena e não prejudica a segurança. Porém, aviões se movem a uma velocidade muito maior e a distância entre eles é um critério de extrema segurança”, explica Antonini Puppini-Macedo, diretor-geral da Boeing Pesquisa e Tecnologia do Brasil, um dos seis centros internacionais de pesquisa da empresa.

A equipe da Boeing se interes-

sou pelas pesquisas sobre precisão no posicionamento geodésico desenvolvidas pelo professor João Francisco Galera Monico na **Unesp** de Presidente Prudente. Em parcerias com outras instituições do país, o pesquisador tem desenvolvido projetos que visam mitigar os problemas dessa atividade ionosférica.

“Nós estabelecemos uma rede

de receptores em diversos pontos do Brasil e a partir dela é possível monitorar quando está ocorrendo essa cintilação na região. Além disso, é importante para a pesquisa ter um banco de dados de longa data dessas atividades”, explica Galera.

A reunião inicial tratou do acordo de confidencialidade que permitirá a troca de informa-

ções entre **Unesp** e Boeing para elaboração de um projeto conjunto. “Essa é uma demanda mundial e nós queremos nos engajar nesse problema com a **Unesp** o quanto antes”, afirma Puppini-Macedo.

Estiveram presentes na reunião Antonini Puppini-Macedo, pela Boeing, e, pela **Unesp**, o reitor Sandro Valentini; João Francisco Galera Monico; Guilherme Wolff Bueno, pesquisador da Agência Unesp de Inovação (AUIN); Edson Cabral, assessor jurídico chefe; Carlos Vergani, chefe de Gabinete; Carlos Graeff, pró-reitor de Pesquisa; e Sydney Ribeiro, diretor-executivo da Agência Unesp de Inovação (AUIN).

Contato do professor João
Francisco Galera Monico:
<galera@fct.unesp.br>

Fundunesp comemora 30 anos

Debate com autoridades da área de ciência e tecnologia marca celebração de aniversário

Oscar D'Ambrosio

Para comemorar o seu trigésimo aniversário, a Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp) realizou cerimônia no dia 4 de abril em sua sede, em São Paulo. Na abertura do evento, o reitor da **Unesp**, Sandro Roberto Valentini, abordou a importância das parcerias entre os setores público e privado, destacando o papel das fundações de apoio e a expectativa pela regulamentação estadual do Marco Legal da Ciência aprovado há mais de um ano no âmbito federal. “É muito importante discutir o andamento dessa fundamentação, aproximar os elos entre as fundações e a sociedade, assim como o impacto social e econômico delas”, disse.

Edson Luiz Furtado, diretor-presidente da Fundunesp, lembrou que a Fundação começou trabalhando com editoração, área que resultou na Fundação Editora da Unesp, eventos e projetos. “Atuamos hoje em todas as áreas do conhecimento e estamos empenhados em aprofundar a cooperação com a Reitoria e com as unidades, assim como com a sociedade como um todo”, assinalou em seu discurso de abertura.

A vice-presidente da Fundunesp, Vanderlan Bolzani, coordenou a mesa-redonda “O papel das fundações para o desenvolvimento científico e tecnológico nacional”. Ao abrir os debates, destacou a necessidade de estruturas flexíveis em todas as esferas, para criar um ambiente propício à inovação. “Uma ciência forte em inovação traz consequências úteis não só



Furtado enfatiza maior cooperação com Reitoria e unidades

para a economia, auxiliando principalmente a reduzir as enormes diferenças sociais da sociedade brasileira”, apontou.

Luiz Martins de Melo, superintendente da Área de Financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), representando Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque, presidente da instituição, focalizou o difícil diálogo entre as fundações e os órgãos de controle. “Eles são necessários, mas não podem funcionar apenas como auditorias de prestação de contas. É necessário levar em conta os resultados alcançados em ciência, tecnologia e inovação – e muitas vezes a inovação resulta em insucesso”, declarou.

Para Martins, os sucessivos cortes de orçamento na área científica levam a uma verdadeira “guerra” pelos recursos disponíveis. “É uma realidade em que há muitos órgãos e sobreposição de funções”, argumentou.



É preciso discutir Marco Legal e elo com sociedade, diz Valentini

Herman Chaimovich, que representou o diretor científico da Fapesp, Carlos Henrique de Brito Cruz, mencionou a necessidade de refletir sobre as fundações dentro do Marco Legal e sobre a forma como o discurso da inovação se dá no contexto da cultura acadêmica e fora dela. “A prática é bem diferente da teoria e quem está há 30 anos na ativa, como a Fundunesp, traz consigo uma respeitável resistência às dificuldades enfrentadas ao longo do tempo”, disse.

Helena Nader, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, enfatizou a importância das fundações no quadro da ciência, tecnologia e inovação do país, e mencionou a capilaridade da **Unesp** pelo interior do Estado de São Paulo como um grande mérito. “É uma instituição comprometida com a inovação e aberta ao diálogo e a parcerias, fundamentais na criação de ideias”, declarou.

Fernando Peregrino, presi-



Capilaridade da Unesp no Estado foi destacada por Helena

dente do Conselho Nacional das Fundações de Apoio às Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa Científica e Tecnológica (Confies), ressaltou como a burocracia é um entrave da inovação. Isso se espelharia em diversos dados, como o fato de o número de brasileiros que registram patentes no exterior ser cinco vezes maior do que o daqueles que o fazem no país. “É fundamental uma conscientização nacional desse tema”, alertou. “Assim como a alta de juros, a burocracia afasta as empresas das universidades e das fundações.”

Na ocasião, o reitor Valentini e os professores Furtado e Vanderlan descerraram foto comemorativa com a equipe atual de funcionários da Fundação.



Para Martins, corte de orçamento provoca “guerra” por recursos

Os convidados foram recebidos para um café da manhã ao som dos músicos Everton de Novaes (violino), Jennifer Cardoso Souza Santos (viola) e Franklin Martins Chaves (violoncelo), alunos do Instituto de Artes da **Unesp**, Câmpus de São Paulo.

Ouçá Podcast
Edson Luiz Furtado, diretor-presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp – Fundunesp, relembra a trajetória da Instituição:
<<https://goo.gl/IzodgR>>.

Para acessar as fotos do evento clique no link:
<<https://goo.gl/UsTfXw>>.

Fundação promove importações

A Fundunesp realiza importações amparadas pela Lei Federal 8.010/1990. Por essa lei, os equipamentos/materiais, se importados com a finalidade da pesquisa científica e tecnológica, se credenciam a isenções de impostos. Com a previsão de recursos estabelecida no Plano de Trabalho dos projetos desenvolvidos junto à Fundunesp, o docente coordenador poderá solicitar que sejam tomadas todas as providências para a importação.

A Fundunesp cuidará de todos os procedimentos: a partir da solicitação do docente, realizada através de ofício com a justificativa técnica,

juntamente com a Proforma Invoice dos produtos, o Setor de Compras e Importação providenciará a devida aquisição, acompanhando todos os trâmites, bem como as ações de desembaraço alfandegário, para que, após o recebimento final do produto, seja realizada a entrega na Unidade da **Unesp** do docente coordenador.

Para mais informações, os docentes interessados poderão contatar o Setor de Compras e Importações da Fundunesp:
Telefone: (11) 3474.5308
E-mail: <compras@fundunesp.unesp.br>.



Chaimovich destaca preparo da Fundunesp diante das dificuldades



Segundo Peregrino, burocracia é entrave para a inovação



Vanderlan ressalta que inovação beneficia economia e sociedade

Fotos Fabiana Manfrim

Pesquisador é homenageado

Centro de Isótopos Estáveis recebe nome de Carlos Ducatti, seu principal idealizador

Marcos Jorge

Desde o dia 20 de abril, o Centro de Isótopos Estáveis leva o nome de seu principal idealizador, o professor Carlos Ducatti, falecido no ano passado. A cerimônia de reinauguração da unidade mista localizada em Botucatu teve a presença de amigos, familiares e membros da comunidade da **Unesp**.

Antes conhecido como Centro de Isótopos Estáveis Ambientais em Ciências da Vida, o espaço agora passa a se chamar Centro de Isótopos Estáveis Professor Carlos Ducatti. Uma nova fachada no prédio estampa a homenagem ao pesquisador que ao longo de mais de 20 anos coordenou o espaço. Durante o evento também foi inaugurada oficialmente uma sala usada para aulas e defesa de teses que leva o nome do reitor Marcos Macari, um desejo pessoal do professor Ducatti.

O evento contou com a presença de amigos, familia-



Equipe emite 90 laudos de análises para indústrias por ano

res, colegas do Câmpus de Botucatu e do vice-reitor da **Unesp**, professor Sergio Nobre. “Infelizmente, o professor Ducatti não está aqui, mas nós sabemos o quanto ele sonhou, e o quanto ele investiu da sua vida para que este centro existisse”, destacou.

Atual supervisor do CEI, o professor Vladimir Eliodoro Costa fez uma breve apresentação da atuação do centro, como os 90 laudos de análises isotópicas emitidas por ano para a indústria alimentícia, o apoio a 12 disciplinas de graduação e a 9 de pós-graduação e as 32



Fotos divulgação

Local fornece apoio a 12 disciplinas de graduação e 9 de pós

orientações em andamento.

Cleide Hansen Ducatti, viúva de Ducatti, destacou em tom emocionado a dedicação e entrega do marido – assim como a dos colegas – para viabilizar a criação do centro.

Um desses colegas foi Antônio Celso Pezzato, que conviveu

com Ducatti desde a época da graduação na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) até a docência no Instituto de Biociências de Botucatu. Em sua fala, Pezzato lembrou o apoio que o então reitor Marcos Macari deu ao projeto de criação do centro.

Na fronteira da biologia e da física

Escola internacional aproximou diferentes áreas de conhecimento sobre questões em comum

Ivan Cardoso

O ICTP-SAIRF, localizado no Instituto de Física Teórica (IFT) da **Unesp**, em parceria com o Nordic Institute for Theoretical Physics (Nordita), da Suécia, organizou, entre os dias 13 e 24 de março, a School on Biological Soft Matter, com o tema “From molecular interactions to engineered materials”. As aulas versaram sobre a matéria mole (soft matter, em inglês), um termo utilizado na física e na biofísica para se referir a sistemas físicos de interação de compostos facilmente deformados por variações térmicas, como líquidos, polímeros e diversos materiais biológicos, como as estruturas e propriedades físicas encontradas dentro de células vivas.

A escola abordou conceitos básicos em biologia celular e molecular, bem como a física envolvida nessas estruturas para que os alunos aprendessem como aplicá-los às questões que investigam em suas pesquisas. Dividida em dois blocos, a escola focou, na primeira semana, conceitos-chave de biologia e física, enquanto a segunda



Divulgação

Participantes da escola: visão ampla do que acontece na área

semana foi mais voltada para temas de bioengenharia, aliando, nas palestras ministradas, conceitos básicos com pesquisas atualmente desenvolvidas na área de soft matter. Segundo Samuela Pasquali, da Université Sorbonne Paris Cité, uma das organizadoras da escola, “a ideia é dar aos alunos uma perspectiva ampla do que está acontecendo hoje em dia na área e fornecer ferramentas necessárias para investigações futuras”.

Voltada para alunos de graduação e pós-graduação, bem como pesquisadores das áreas de

mecânica estatística, ciência dos materiais, biofísica e nanotecnologia, a escola atraiu alunos da América Latina e de outros países, incluindo Itália, Canadá e Índia. Os alunos também foram convidados a fazer apresentações orais ou de pôsteres sobre seus próprios projetos de pesquisa.

Essa diversidade de áreas de formação e nacionalidades foi um dos pontos fortes da escola, como salientou Fernando Luís Barroso da Silva, da USP-Ribeirão Preto, também organizador: “Um dos lados positivos dessa escola é que

os alunos começam a aprender novas ferramentas, conceitos, e a fazer cooperações que podem ser proveitosas para a pesquisa que estão desenvolvendo ou para trabalhos futuros”, explicou. Silva, atualmente, está publicando um artigo com Natalia Montellano, pós-graduanda da Universidad Nacional de Rosario, na Argentina, que participou de uma das primeiras edições da escola e retornou para atualizar seus conhecimentos. “A interação é proveitosa, pois aprendo com os outros alunos e professores. É como um duplo aprendizado, e posso compartilhar um pouco da minha própria experiência”, disse Montellano.

Os benefícios dessa migração de conhecimentos entre diferentes áreas foram bem exemplificados na palestra de Greg Huber, da University of California. Huber apresentou sua pesquisa com as rampas de Terasaki, estruturas tubulares helicoidais encontradas experimentalmente em membranas de organelas dentro de células, bem como previstas teoricamente na superfície de estrelas de nêutrons. A similaridade

entre as estruturas, segundo ele, é surpreendente, pois os dois ambientes são extremamente diferentes em termos de tamanho e forças atuantes, apesar de serem sujeitos a fenômenos e condições que podem ser consideradas, em certa instância, análogas. “Isso mostra que os cientistas das duas áreas trabalham com linguagens diferentes, mas em cooperação podem se beneficiar”, disse Huber.

Por ser uma área de interface entre a biologia e a física, duas áreas que não necessariamente conversam em técnicas ou abordagens, adaptar as aulas para ambos os públicos foi um desafio que os organizadores tinham em mente na hora de conceber a escola. “Alunos e professores de diferentes áreas precisam de bastante conhecimento em biologia e física e suas áreas de interface”, disse Pasquali. E continuou: “A física que se aplica, digamos, à molécula de DNA, é a mesma que se aplica à proteína ou nanobjeto que se está querendo produzir. No fundo, todos os cientistas têm o mesmo objetivo: compreender a natureza.”

VISÕES DO MUNDO HOJE

Programa San Tiago Dantas reúne especialistas para debater cenário internacional contemporâneo

André Louzas e Oscar D'Ambrosio

123RF

Nos dias 11 e 12 de abril, o Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (STD) promoveu a discussão de questões contemporâneas de Relações Internacionais numa perspectiva sul-americana. O encontro, denominado Fórum San Tiago Dantas, aconteceu em São Paulo e buscou aproximar os grupos de pesquisa do Programa, que envolve **Unesp**, Unicamp e PUC-SP, apresentando as ideias de seus integrantes.

O fórum incluiu cinco mesas-redondas. A primeira mesa, no dia 11, teve como tema "Ordem e Desordem Internacional". Na abertura, a coordenadora Suzeley Kalil Mathias, do STD, destacou o caráter interdisciplinar do Fórum e o fato de já terem sido apresentados 173 mestrados e 17 doutorados no Programa. "É uma grande conquista para 14 anos de existência", mencionou.

Para Paulo Visentini, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é necessária uma reflexão histórica profunda para entender fenômenos inesperados, como a retomada pela Rússia do papel de importante player internacional e a eleição de Donald Trump nos EUA.

Visentini ressaltou a importância de se estudar o Leste Europeu. "A maioria desses países tem populações internamente muito variadas e adotaram, após a dissolução da URSS, economias de mercado e governos liberais, considerando que esses termos são muito gelatinosos", ponderou. "O fato é que a Europa vive um período de retorno ao nacionalismo e de crescente desigualdade entre as classes sociais."

Sebastião Velasco e Cruz, do STD, focou as diretivas de Trump para atualizar acordos comerciais e tomar decisões que abalam o prestígio do país perante organismos como a Organização Mundial de Comércio (OMC).

"As relações com a China também passam por um mo-



Com cinco mesas-redondas, Fórum enfatizou perspectiva sul-americana das Relações Internacionais

mento delicado, dentro de uma perspectiva que deixa de lado o multilateralismo em nome de análises de relações bilaterais", afirmou. "No plano global, o neoliberalismo vem perdendo espaço, com a vitória do Brexit, a eleição de Trump e os golpes contra a democracia em diversos países da América Latina."

Especialista em sistema monetário financeiro internacional, Carlos Eduardo de Carvalho (STD) lembrou a tensão global com o ataque dos EUA à Síria e o seu diálogo difícil com a Coreia do Norte. "O importante é que os mercados financeiros internacionais reagiram tranquilamente a essas instabilidades", avaliou.

Para Carvalho, o sistema monetário se reinventa e se trans-

forma, convivendo com países como China e Índia crescendo 7% ao ano e os países centrais com inflação baixa e estável e taxas de juros próximas a zero ou negativas, num cenário em que inovação tecnológica é essencial. "Nos EUA, por exemplo, a intervenção estatal é fundamental. Trata-se de um neoliberalismo com Estado forte, atuante, sempre presente", mencionou. "O interessante é que esse modelo, portanto, não condena a periferia ao atraso e à estagnação."

AMÉRICA LATINA

A segunda mesa foi coordenada pelo professor Sérgio Aguilar, do STD, e teve como tema "A América Latina em um novo regionalismo?". Professora do

STD, Karina Mariano assinalou que as Américas do Sul e Latina viveram em sua história recente processos que são chamados de integração regional – alguns mais antigos, como a Comunidade Andina e o Mercosul, e outros mais recentes, como Alba, Unasul e Aliança do Pacífico.

Ela ressaltou que todos são processos de regionalismo, mas não necessariamente de integração regional. "O pressuposto conceitual da integração é que se cria uma nova estrutura institucional para lidar com aquele assunto", explicou. Mas, de acordo com a docente, as estruturas criadas dependem dos governos do momento. "Há uma instabilidade não só sobre agenda e prioridades, mas inclusive em torno

do que já está acordado pelos governos anteriores", acentuou.

O fenômeno do combate ao crime e à violência com fins eleitorais no continente foi discutido por Paulo Pereira, do STD. Segundo o analista, existem hoje três grandes complexos que estruturam um mercado de drogas ilícitas e de alto nível de violência: o primeiro no Cone Sul, formado por Brasil, Paraguai e Bolívia, tem uma dinâmica de poder entre grupos e é voltado principalmente para o tráfico de maconha e cocaína. O segundo, "o complexo da cocaína", envolve Peru, Colômbia e países da América Central, México e Estados Unidos. "E por fim o complexo mexicano-americano, com características específicas de circulação de armas e drogas", esclareceu.

O pesquisador ressaltou que a repressão ao crime se tornou um negócio altamente lucrativo, com a expansão de empresas privadas, por exemplo, no fornecimento de armamentos para as forças de repressão. Pereira enfatizou ainda a importância da presença norte-americana no combate ao crime na América Latina.

Já Meneses analisou a mudança na política externa, desde a chegada do PT ao poder até o momento atual. Segundo o professor, o primeiro mandato de Lula se inicia quando vários governos de esquerda são eleitos na América do Sul. Para o docente, esse "giro à esquerda" tem três características: a preocupação com a inclusão social, a exploração das capacidades do Estado na vida do país e a autonomia na política externa.

Meneses acentuou que nesse período o país priorizava as relações Sul-Sul, opção que começou a mudar no governo de Dilma Rousseff e foi abandonada por Michel Temer. Segundo o docente, na presidência do peemedebista, o Brasil vem adotando propostas como concluir as negociações comerciais com a União Europeia, aderir a uma área de livre comércio na

América Latina e à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), além de obter um acordo preferencial com os EUA.

BRASIL NO MUNDO

“A inserção brasileira” foi o tema da terceira mesa, que teve a coordenação de Samuel Alves Soares, do STD. Na sua análise, José Flávio Sombra Saraiva, da Universidade de Brasília, destacou a constância da política internacional brasileira, com a busca de soluções pacíficas e de respeito às opções de outros povos. “Há uma identidade com a América Latina nesses conceitos e decisões: autodeterminação, e, sobretudo depois da Guerra do Paraguai, não intervenção. Abandono de um certo armamentismo, mas com o desejo de construção de potência para política de segurança e defesa”, assinalou.

Segundo o docente, o país apresenta uma inserção internacional “jurisdicista”: “Há respeito aos tratados, tradições são sacras; tradição remota, desde aqueles tratados horrorosos ao Brasil na independência, tanto quanto os tratados dos anos 1840 rompendo os tratados ingleses em favor do protecionismo brasileiro”, detalhou Saraiva.

Flávia Campos Mello, do STD, argumentou que entre os anos 1980 e 1990 o país enfrentou uma profunda crise financeira e tinha uma conduta reativa e de aceitação da hegemonia norte-americana. Esse quadro se transforma na década de 2000, com o bom momento econômico mundial e fenômenos como o interesse da Rússia pelo fortalecimento dos Brics. “O projeto político que chega com o governo Lula permite uma atuação propositiva sem precedentes, um contexto favorável a uma agenda Sul-Sul, uma agenda de Brics e, no plano regional, especificidades que resultam na criação de um fórum como a Unasul”, esclareceu.

No entanto, o panorama volta a se modificar após o impeachment da presidente Dilma e as alterações no Mercosul e nos EUA. “O quadro atual do contexto sistêmico é de incertezas, de poucas perspectivas de ganhos em matéria de política externa”, resumiu Flávia.

Em sua palestra, Clodoaldo Bueno, do STD, questionou a política externa dos governos petistas, que teriam representado uma mudança rara na tradição diplomática brasileira. Uma outra exceção, segundo ele, foi a interrupção imposta pelo governo de Castelo Branco à política independente adotada em governos anteriores, alinhando o



Fotos Fabiana Manfrim

Evento analisou tópicos importantes da atualidade, no universo de pesquisas do San Tiago Dantas

Brasil aos Estados Unidos.

Bueno argumentou que Lula deu prioridade às relações Sul-Sul, promovendo a ajuda a países africanos e sul-americanos. “Afora Cuba e Venezuela, [Lula] fez negócios de pai para filho com a Bolívia; com o Paraguai, permitiu alteração dos termos do tratado de Itaipu”, exemplificou. “Lula e o PT deveriam ter optado pela nação ao invés de identidades ideológicas.”

CENA INTERNACIONAL

No dia 12 de abril, a Mesa 4, com a coordenação de Andrei Koerner, do STD, tratou do tema “Sociedade internacional”. Reginaldo Nasser (STD) apontou como as revoluções são pouco tratadas na literatura acadêmica sob a perspectiva das relações internacionais. Ele citou como casos exemplares a Revolução Russa e os movimentos ligados à Primavera Árabe.

“É preciso estudar também as contrarrevoluções e verificar como elas se articulam em sociedades transnacionais. Um exemplo muito interessante para estudos, por exemplo, é a Revolução Iraniana”, disse.

Alexandre Fuccille (STD), por sua vez, focou as tensões do

sistema internacional numa nova distribuição do poder. Ele assinalou que a Rússia voltou a ser, por exemplo, uma força econômica.

“A ascensão da China, às vezes de difícil compreensão para os teóricos ocidentais, é um exemplo de modelo a merecer renovadas pesquisas. Um caso ainda mais sério é o da Índia, que reúne condições de ser a segunda potência mundial, atrás da China”, comentou.

Matheus Hernandez, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), apresentou seus estudos sobre o Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

“É interessante verificar como o Alto Comissariado se aproxima dos objetivos de uma ONG, mas, por integrar a ONU, tem representação significativa na sociedade. Ao longo de sua trajetória, desde 1994, oscilou entre posições mais burocráticas, diplomáticas ou de denúncia, enfrentando, nesse último caso, certa resistência da própria ONU ou de alguns de seus países integrantes mais poderosos”, comentou

De acordo com Marcelo Mariano (STD), elementos disruptivos, como bombas atômicas

ou satélites, hoje transformam radicalmente as relações internacionais. Ele assinala que o momento histórico atual combina tecnologias que amadureceram em torno da Internet e o aumento do poder de computação tanto nas nuvens como nas mãos dos usuários, como ocorre com smartphones e tablets.

Nesse contexto, estaria surgindo um novo conceito, que busca atribuir confiança nas transações: o BlockChain, a tecnologia que está por trás do Bitcoin, uma criptomoeda que atinge negócios de US\$ 19 bilhões. “O sistema permite a evasão de divisas porque assegura o anonimato. Por outro lado, não há intermediários e todos podem acessar tudo, o que inibe fraudes. É um universo que precisa ser melhor estudado.” concluiu.

EUA HOJE

Coordenada por Samuel Alves Soares, do STD, a última mesa enfocou “O novo EUA”. Cristina Pecequillo (STD) lamentou que a política tenha se transformado num circo regido pela mídia e disse que os primeiros dias de Trump estão marcados por um

cenário de crescimento do nacionalismo. “O fato de a eleição dos EUA ser indireta, com Trump tendo recebido 1 milhão de votos a menos que Hillary Clinton, a defesa do unilateralismo, a xenofobia e um racha social criam um cenário complexo”, advertiu.

“Trump, dentro de seu perfil populista, lançou, no começo do governo, uma grande ofensiva para mostrar àqueles que o elegeram o que está fazendo. Grandes questões se avizinham com o os diálogos essenciais com o Executivo e o Judiciário e com as futuras disputas por orçamento na esfera federal”, comentou.

Carlos Gustavo Poggio Teixeira (STD) identificou três fatores importantes no contexto americano: sociológicos (rejeição à imigração, que ameaça empregos, cultura e religião de setores do povo americano); econômicos (aumento de desigualdades entre a elite e as classes menos favorecidas, resultando num descrédito das instituições); e tecnológicos (redes sociais levam o político a falar diretamente com o eleitor, que, por sua vez, escolhe os canais com os quais se identifica).

Também apontou a presença do nacionalismo no discurso e nas ações de Trump, associado a uma sociedade com um número cada vez maior de jovens descontentes. “Há uma polarização da política que permitiu inclusive a Trump, com menos dinheiro e organização, vencer a eleição, inclusive sendo contra a imprensa e contra setores do próprio partido”, mencionou.

Tullo Vigevani (STD), último palestrante, refletiu sobre a política de comércio dos EUA. Disse que é difícil estabelecer perspectivas num cenário com diferenças entre as lógicas eleitorais e as políticas institucionais. Detendo-se nas relações com o México e com a China, ele disse que não acredita numa gradual reinserção nos caminhos tradicionais.

“O discurso com a China do candidato será diferente daquele do presidente. O mesmo deve ocorrer em relação ao México, já que existe um profundo sentimento conservador na área econômica e não se pode esquecer que o peso das instituições tem um significado muito grande quando se governa um país, como os EUA, hegemônico em muitos aspectos”, concluiu.

Coordenador do evento, Soares encerrou as atividades esperando que o Fórum seja o primeiro de uma série. “Os debates foram bem diversificados e abrangeram numerosos tópicos de grande importância na conjuntura atual e no universo das pesquisas desenvolvidas pelo San Tiago Dantas em seus 14 anos de existência”, finalizou.



Da esq. para a dir.: Teixeira, Soares, Cristina e Vigevani, na mesa que debateu situação dos EUA

Universidades sem fronteiras

Evento da Faubai debateu internacionalização, inovação e compromisso social das instituições

Marcos Jorge

Entre os dias 8 e 12 de abril, a Associação Brasileira de Educação Internacional (Faubai) promoveu a sua Conferência de 2017, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O encontro reuniu cerca de 560 participantes, entre acadêmicos e especialistas, para discutir questões ligadas à internacionalização do ensino superior, tendo como tema principal a inovação e o engajamento social.

A associação é presidida pelo assessor-chefe da Assessoria de Relações Externas (Arex) da Unesp, José Celso Freire Jr., que ao final do evento celebrou o número de participantes, destacando que metade deles eram estrangeiros, representando 28 países.

NOVA ESTRATÉGIA DA CAPES

No evento foi anunciada a nova estratégia de internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) após a extinção do Programa Ciência sem Fronteiras. As propostas da Capes, que devem ser lançadas oficialmente em julho, foram apresentadas pela professora Connie McManus Pimentel, atual diretora de Relações Internacionais da agência.

Connie começou sua fala apontando que o crescimento no número de publicações científicas brasileiras nas últimas décadas não foi acompanhado de uma melhora no impacto desse material. A internacionalização, por meio de colaborações com parceiros de outros países, é um fator comprovadamente capaz de melhorar o fator de impacto dos papers, ressaltou ela.

Segundo a diretora da Capes, o programa Ciência sem Fronteiras, voltado predomi-



Fotos Marcos Jorge

Conferência reuniu cerca de 560 pessoas, entre acadêmicos e especialistas, de 28 países

nantemente para alunos de graduação, colocava o país como um comprador de serviços educacionais das universidades estrangeiras ao invés de investir na construção de redes de contato e nas colaborações em pesquisa.

O novo programa, afirmou Connie, “investirá mais nas universidades e menos em bolsas de estudo individuais”. A proposta, cujo nome provisório é Mais Ciência, Mais Desenvolvimento, envolve o envio de questionários para as universidades do país no intuito de conhecer melhor suas especificidades. “Cada uma vai ter seu próprio plano e esperamos que elas formulem uma proposta de internacionalização em que escolham seus parceiros e reflitam sobre como construir essa relação de uma forma mais estável e de longo prazo”, apontou Connie.

A expectativa é que a nova estratégia colabore para que as universidades consigam atrair mais pesquisadores estrangeiros, treinem seus

docentes e servidores e selecionem melhor os alunos enviados para o exterior.

“O papel das universidades dentro da proposta apresentada é o principal ponto do programa, porque estimula a formulação de estratégias mais compreensivas e colaborações”, afirmou Freire Jr., presidente da Faubai. “As universidades terão que estar mais envolvidas e mais pró-ativas.”

INOVAÇÃO E ENGAJAMENTO SOCIAL

O professor Jon Rubin, da State University of New York (SUNY), apresentou a iniciativa do Collaborative Online International Learning (COIL), um modelo que agrega ferramentas já disponíveis e amplamente utilizadas – como o Facebook ou o Skype – para promover atividades acadêmicas entre estudantes de instituições parceiras.

Rubin explica que menos de 5% dos alunos norte-americanos podem participar de um programa de mobilidade internacional, e portanto deve-

-se procurar iniciativas que promovam uma maior interação internacional dentro da própria universidade.

“O COIL não é uma oposição à mobilidade. Ele apoia a mobilidade e oferece oportunidades de contato internacional para aqueles alunos que não podem viajar”, apontou Rubin, citando como exemplo os estudantes trabalhadores ou mães que não podem deixar suas residências e famílias por longos períodos de tempo.

O engajamento social foi o principal assunto abordado pela palestrante Fanta Aw, que abriu oficialmente a conferência deste ano. Nascida no Mali e com mais de 25 anos de experiência em temas de inclusão, diversidade e equidade na internacionalização, Fanta mudou-se para os Estados Unidos para cursar o ensino superior.

Nos EUA, teve seu primeiro contato com a educação internacional ao trabalhar com alunos que chegavam ao campus da American University, em Washington, propondo projetos que facilitassem sua

adaptação ao novo ambiente educacional. Atualmente, ela dirige uma entidade chamada Campus Life, cuja missão é integrar os estudantes da instituição a um ambiente de aprendizagem plural e voltado para a cidadania global.

Sua fala destacou, entre outros pontos, que as instituições universitárias precisam estar atentas para não perder o foco com o aspecto social no processo de internacionalização. “Às vezes, universidades esquecem que são parte da comunidade em que estão localizadas e que temos a responsabilidade de ajudar a resolver tanto os desafios locais dessas comunidades, quanto os desafios globais que enfrentamos como instituições”, apontou.

PARTICIPAÇÃO DA UNESP

A Unesp participou da apresentação de um workshop voltado para a orientação de escritórios de relações internacionais ainda em processo de formação. A atividade foi coordenada por Patricia Spadaro, gerente de Projetos da Arex da Unesp, ao lado de Rita Barbosa Louback, da PUC de Minas Gerais, e de Vladimir di Iorio, da Universidade Federal de Viçosa. O workshop, que recebeu mais de cem participantes, discutiu práticas de sucesso relacionadas à internacionalização das instituições, engajamento de alunos nos projetos de mobilidade e propostas de atração e recepção de estudantes estrangeiros, entre outros temas.

O evento serviu de espaço para o lançamento de iniciativas como o projeto Riesel, uma rede regional que envolve diversas universidades da América Latina para capacitação, treinamento e troca de experiências na gestão de escritórios, visando a melhor inserção dessas instituições no processo de internacionalização do ensino superior.

A Unesp, por meio da Arex, faz a gestão financeira e administrativa do projeto e também colabora nas atividades de elaboração de alguns conteúdos que tratam, por exemplo, da interação do escritório de relações internacionais com a pesquisa das universidades.



Fanta enfatizou questões como inclusão de alunos estrangeiros



Presidente da Faubai, Freire Jr. celebrou número de participantes



Propostas da nova gestão da Capes foram expostas por Connie



Rubin deu sugestão para integrar alunos de instituições parceiras

Europa e América se encontram

Unesp integra quatro projetos do programa Erasmus+, em temas como normas de internacionalização

Marcos Jorge

Conhecido internacionalmente pela sua atuação na mobilidade de alunos, o programa Erasmus+, da União Europeia, em sua nova versão também contempla a capacitação institucional. Nesse campo, a **Unesp** participa de quatro projetos, cada um com duração de dois a três anos e orçamento de cerca de € 1 milhão para sua gestão.

Um dos projetos é o Riesal, uma rede de universidades da Europa e América Latina formada para discutir parâmetros de internacionalização no continente. O projeto foi proposto pela Universidade de Guadalajara, do México, e inclui a criação de webinars (um tipo de conferência via Internet) e cursos on-line para capacitação de recursos humanos das universidades para o tema.

“Além de sermos gestores financeiros e administrativos do projeto, também somos colaboradores intelectuais”, explica Patrícia Spadaro, gerente de Projetos da Assessoria de Relações Externas (Arex) da **Unesp**, que organizará webinars temáticos para abordar, por exemplo, a internacionalização da pesquisa.



Patrícia destacou papel da Unesp em projeto latino-americano

A Arex também trabalha ao lado dos professores que assumem a coordenação de outros projetos, prestando auxílio na gestão de recursos estrangeiros, prestação de contas para a Comissão Europeia e apresentação de documentação, entre outros itens. “Os docentes acumulam várias outras funções, por isso nos colocamos à disposição para dar suporte aos professores que queiram submeter projetos a chamadas internacionais”, afirma.

Ricardo Gabbay de Souza, do Instituto de Ciência e Tecnologia de São José dos Campos, é um dos professores que tiveram a ajuda da Arex para participar do projeto LaWEEda, que trata do descarte de resíduos de equi-



Rede Oracle, que reúne 35 instituições, foi tema de Castro

pamentos eletroeletrônicos.

O projeto tem como motivação o crescimento do mercado – e do descarte – de equipamentos eletrônicos e pretende criar centros de treinamento que servirão como ponte para conectar a pesquisa e a prática em cooperativas, fomentando a capacitação e a geração de renda para catadores. Coordenado pela University of Natural Resources and Life Sciences, da Áustria, o LaWEEda tem **Unesp** e UFRJ como parceiras no Brasil, além de universidades da Nicarágua.

Outros dois projetos focam a qualidade do ensino superior, mas a partir de perspectivas diferentes. O Oracle é uma rede de 35 universidades de 20



Para Márcia, visão internacional beneficia universidades

países (15 da América Latina e cinco da Europa) cujo foco é criar uma oficina de observação das condições e tendências da educação superior e organizar um observatório internacional para a qualidade e equidade no ensino de nível universitário.

Unesp e Universidade de Brasília são as únicas representantes brasileiras nesse projeto, que tem duração de três anos e orçamento de quase € 1 milhão. “Nossa proposta com a formação dessa rede é promover o intercâmbio de práticas, experiências e materiais para atender coletivos vulneráveis em instituições de ensino superior”, explica Diego Castro, docente da Universidade Autônoma de Barcelona,

coordenadora do projeto.

Entre os coletivos vulneráveis, o coordenador aponta negros, mulheres, indígenas, estudantes não habituais e imigrantes, entre outros. “A identificação de outros coletivos também é um dos objetivos do projeto”, explica o coordenador, salientando que a proposta envolve não só alunos, mas também docentes e funcionários técnico-administrativos.

Já no Acacia, inclusão, acessibilidade, qualidade de permanência e afetividade são temas que deverão pautar os projetos que ainda serão implementados. Ambos os projetos têm como coordenadora no Brasil a professora Márcia Lopes Reis, da Faculdade de Ciências de Bauru.

A docente afirma que o viés de internacionalização nas ações tomadas traz benefícios para a universidade. “Algo distinto ocorre quando implementamos qualquer ação de pesquisa, extensão ou docência com a perspectiva de outros países”, argumenta. “A interculturalidade fica evidente e os conceitos do que é local e global são pontuados desde o planejamento, passando pela implementação e avaliação das ações.”

Feira internacional recebe mais de 400 alunos

As palestras com orientações e oportunidades para intercâmbio estão disponíveis on-line

No início de abril, foi realizada a segunda edição da Feira Internacional da Unesp, no Ipiranga, em São Paulo. O evento apresenta aos alunos oportunidades de intercâmbio em diversos países, por meio de palestras e estandes com representantes das instituições estrangeiras.

Mais de 400 alunos participaram do encontro e puderam circular entre a feira que ocupava o átrio do edifício e as palestras promovidas no auditório. Estiveram presentes 38 representantes de instituições de Espanha, França, Suécia, Holanda, Alemanha, Dinamarca e Irlanda, além de agências nacionais como a Associação Brasileira de Intercâmbio Profissional e Estudantil (Iaeste), que também



Mais de 400 alunos estiveram no evento, que teve 38 representantes de instituições da Europa

oferece oportunidades de intercâmbio e estágio no exterior.

A procura por oportunidades motivou a viagem de Caroline Magalhães até São Paulo. A estu-

dante de Engenharia Ambiental no Câmpus da **Unesp** de Sorocaba procurava oportunidades de intercâmbio na Holanda ou na Alemanha, países que são referência em

energias renováveis, sua principal área de interesse.

“Com o congelamento do programa Ciência sem Fronteiras, a gente precisa procurar outras

oportunidades de intercâmbio. Achei o evento um incentivo para correr atrás das oportunidades e fazer acontecer”, explica a aluna do sexto semestre.

As palestras foram divididas por país e apresentaram as oportunidades de bolsas disponíveis nesses locais, links com informações sobre a candidatura dos alunos, panorama do ensino superior nessas nações, serviços oferecidos pelas universidades estrangeiras e custo de vida nas cidades. (MJ)

As palestras apresentadas na feira podem ser vistas no canal da *Unesp Imprensa*, no Youtube: <https://goo.gl/ub8SRz>.

Educação na era digital

Reunião do CO teve palestra do professor Ronaldo Mota sobre influência da tecnologia na escola

Na reunião do Conselho Universitário (CO) do dia 27 de abril, o professor Ronaldo Mota proferiu a palestra “Educação contemporânea e tecnologias digitais”. A iniciativa deu continuidade à prática inaugurada na reunião do CO do dia 23 de fevereiro, de tornar esse encontro um espaço de discussão de assuntos importantes relacionados à Unesp.

Atualmente reitor da Universidade Estácio de Sá, o físico Ronaldo Mota já foi secretário nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, secretário nacional de Educação Superior, secretário nacional de Educação a Distância e ministro interino da Educação. Após a fala inicial, houve um debate sobre o tema apresentado por ele com os membros do CO e com as pessoas que assistiram à palestra remotamente.

Na palestra, Mota apontou as dificuldades de pensar o papel do docente nos tempos atuais, em que os educandos e o mundo em que eles se inserem já não são os mesmos de poucas décadas atrás. “Há poucas alternativas ao educador, a não ser se reconfigurar para não se tornar inócuo ou mesmo deixar de existir”, afirmou em texto entregue antes da apresentação.

Mota destacou que há uma



Fabiana Manfrim

Mota (ao microfone) apontou desafios do educador, que precisa se adaptar a novas condições

mudança drástica de foco hoje em direção a privilegiar as chamadas competências metacognitivas, habilidades interdisciplinares, transversais ou socioemocionais. “Entre as características metacognitivas, destaco, a título de ilustração, aprendizagem independente, solução de problemas complexos, perseverança, autocontrole emocional e cumprimento simultâneo de multitarefas em equipe. Tais predicados são especialmente relevantes em missões envolvendo pensamento crítico, capacidade analítica, uso do método científico, comunicação, colaboração, criatividade, empreendedorismo, empatia, cordialidade, respeito e gestão da informação e de emoções”, disse.

Essas capacidades, em geral, transcenderiam as possibilidades e as pretensões do aprendizado tradicional, concentrado na transmissão simples de conteúdos. “Educar tem-se tornado mais complexo, porque abarca o imprescindível conteúdo acadêmico, mas introduz, adicionalmente, novas exigências e perspectivas”, disse o palestrante.

Para Mota, no passado recente, a formação de um profissional estava bastante centrada na aquisição de um conjunto delimitado de conteúdos previamente estabelecidos, somado a uma série conhecida de técnicas e procedimentos. “Não mais. O mundo mudou rapidamente, os principais desafios contemporâneos apresentam ingredientes básica-

mente imprevisíveis”, afirmou.

O reitor da Universidade Estácio de Sá enfatizou que a informação está, cada vez mais, totalmente acessível, instantaneamente disponibilizada e basicamente gratuita. Tão ou mais relevante do que aquilo que foi aprendido (associado genericamente à *cognição*) é o amadurecimento da consciência, por parte do educando, acerca dos mecanismos segundo os quais ele melhor aprende (*metacognição*). “Em um mundo de educação permanente ao longo da vida, a formação metacognitiva se constitui em um diferencial significativo na capacidade dos futuros profissionais de enfrentar os problemas”, mencionou.

Explorar a metacognição iria

além dos procedimentos usuais de transmissão do conhecimento, privilegiando a curadoria do conteúdo disponibilizado e a adoção de abordagens emancipadoras, especialmente aquelas baseadas em aprendizagem independente. Essa estratégia passa por enfatizar elementos motivacionais, incluindo atenção especial a trabalhos colaborativos (capacidade de produzir em equipe) e em aspectos interdisciplinares (habilidade de estabelecer conexões entre diversas áreas do saber), acrescidos de relevância de comportamentos como tolerância e compaixão (a empatia aplicada, isto é, entender o outro por se colocar na posição do outro e agir em função disso). “São também relevantes os estímulos à visão empreendedora (criatividade conjugada com exequibilidade e sustentabilidade) e o especial domínio de linguagens e de plataformas digitais”, comentou.

De acordo com Mota, preparar os docentes para explorar essas especiais capacidades é um dos maiores desafios da educação contemporânea.

A palestra está disponível no endereço:
<<http://tv.unesp.br/co>>.

Centro que atende animais selvagens recebe recursos

Unesp e Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania firmam aditamento de convênio

A Unesp e a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania assinaram, no dia 13 de abril, o segundo termo de aditamento para prorrogação por 12 meses do convênio que prevê recursos do Fundo Estadual de Interesses Difusos (FID) para a reforma do Centro de Medicina e Pesquisa em Animais Selvagens da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Câmpus de Botucatu. O prazo do aditamento, no valor de R\$ 1.998.272,02, se encerra no dia 3 de janeiro de 2018. Os próximos passos são a abertura dos processos de licitação e de contratação das obras.

O termo foi firmado pelo reitor da Unesp, Sandro Roberto Valentini, e pelo presidente do Conselho Gestor do FID, secretário-adjunto

da Justiça e da Defesa da Cidadania Luiz Souto Madureira.

O FID é responsável pela aplicação de recursos destinados à reparação dos danos ao ambiente, aos bens de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico, ao consumidor, ao contribuinte, às pessoas com deficiência, à saúde pública, à habitação e urbanismo, à cidadania e a qualquer outro interesse difuso no Estado de São Paulo.

SOBRE O CEMPAS

O Cempas presta atendimento especializado nas áreas de clínica, cirurgia e diagnóstico a animais selvagens em situação de risco, resgatados pelo poder público ou encaminhados pela população. Também visa capacitar os profis-

sionais responsáveis pelos resgates (polícia militar ambiental, polícia civil, corpo de bombeiros, etc.), a fim de garantir a segurança das pessoas envolvidas e aumentar as chances de recuperação do animal.

Sempre que possível, o Centro também tenta devolver os animais resgatados à natureza, após indicação de locais adequados, feita por órgãos competentes. Tem ainda como objetivo obter dados para pesquisas na área, para aumentar as chances de sobrevivência e soltura dos animais. Além disso, esforça-se para informar e educar crianças, jovens e adultos que residem nas áreas onde ocorreram os problemas, a fim de obter parceiros voluntários para a preservação da fauna silvestre.



Divulgação

Equipe examina tucano: centro terá novos recursos para reformas

Reitor recebe título de Cidadão Araraquarense



Valentini (centro) recordou relação com a cidade e trabalho na Unesp

O reitor da **Unesp**, Sandro Roberto Valentini, é o mais novo cidadão araraquarense. Ele recebeu o título das mãos do presidente da Câmara Municipal, o vereador Jéferson Yashuda Farmacêutico (PSDB), no dia 28 de abril, em sessão solene na Casa das Leis.

O título é um reconhecimento pelo trabalho do professor e pesquisador em mais de 30 anos de carreira e, particularmente, na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da **Unesp**, da qual foi diretor e onde lidera grupo de pesquisa em Biologia Molecular.

“Hoje fazemos uma justa homenagem a uma pessoa comprometida com a Universidade, com seus pares e com a pesquisa acadêmica”, declarou a deputada estadual Márcia Lia (PT).

O deputado Roberto Massafera (PSDB) destacou a carreira de Valentini. “Cinquenta por cento das pessoas que vivem em Araraquara não são nascidas aqui. A Câmara Municipal escolhe, entre essas pessoas, expoentes que recebem o título por se dedicarem e enaltecem a nossa cidade”, declarou.

O prefeito Edinho Silva (PT), apontou características do professor: “Um pesquisador brilhante, um professor respeitado, um diretor extremamente competente. Você chegou ao topo de sua carreira acadêmica

como reitor, mas, conhecendo-o, tenho certeza de que está apenas começando”, disse.

O presidente da Câmara destacou os desafios que Valentini enfrentará numa conjuntura difícil como a atual. “Mas, com sua capacidade de trabalhar em equipe e de traçar caminhos para atingir metas em conjunto, ele está enfrentando brilhantemente o desafio”, argumentou Yashuda.

Emocionado, Valentini recordou seu convívio com Araraquara e sua dedicação à **Unesp**. “Entre para a carreira político-administrativa na Universidade por acreditar que o Câmpus de Araraquara merecia mais reconhecimento. Temos dois novos cursos – de Engenharia Química e Engenharia de Bioprocessos – e, graças a muito trabalho, podemos dizer que os araraquarenses têm à sua disposição um ensino superior de excelente qualidade”, afirmou.

Participaram da solenidade os vereadores Edson Hel (PPS), Elias Chediek (PMDB) e Roger Mendes (PP); o vice-reitor da **Unesp**, Sérgio Nobre; o diretor do Conselho Regional de Farmácia – Seccional de Araraquara, Evandro Lucas Yashuda; e os diretores das unidades da **Unesp** de Araraquara.

Docente em Coordenação de Área da Fapesp

Luiz Gustavo Leme



Constantino quer participar de discussões sobre centros emergentes

O professor Carlos José Leopoldo Constantino, do Câmpus da **Unesp** de Presidente Prudente, foi designado para a Coordenação de Área da Engenharia da Fapesp. Ele exercerá a função por um período de três anos, renovável por mais três. Desde 2002, Constantino desenvolve pesquisa na área de ciência dos materiais e física do estado sólido, com ênfase em espectroscopia molecular, fabricação de filmes orgânicos nanoestruturados aplicados a sensores, e sistemas miméticos de biomembranas.

Responsáveis por coordenar o processo de análise de mérito das solicitações submetidas à agência, as Coordenações de Área são compostas por professores/pesquisadores de diferentes instituições de ensino e pesquisa do Estado de São Paulo.

O professor ressalta que integra um centro de pesquisa emergente, com diferenças em relação a centros consolidados, em termos de infraestrutura e pessoal. Ele argumenta que, como a **Unesp** tem uma grande diversidade de câmpus, é difícil que a Fapesp conheça bem as realidades locais, ao analisar as demandas dos vários centros. “Dessa forma, pesquisadores com perfis diferentes, oriundos de instituições com distintas realidades em relação à infraestrutura de pesquisa, é um caminho para aperfeiçoar a análise”, diz.

Constantino enfatiza que,

além de indicar assessores capazes de avaliar as solicitações encaminhadas à Fapesp, a Coordenação de Área tem como desafio principal, ao receber as avaliações dos assessores, dar também sua própria recomendação. “No intuito de tornar essa avaliação a mais ampla possível, a discussão das propostas é realizada na Coordenação de Área de forma colegiada, e na presença de um dos integrantes da Coordenação Adjunta, para onde seguem as recomendações das Coordenações de Área”, explica.

Constantino assinala que, como coordenador de área, mesmo não participando da formulação das políticas da Fapesp, poderá integrar discussões sobre temas como a orientação da agência de desestimar a realização do pós-doutorado com o mesmo orientador do doutorado ou no mesmo grupo de pesquisa. Ele adverte que essa decisão leva a que os centros emergentes percam muitos alunos para centros consolidados. Por outro lado, não há estímulo para que alunos doutorados em centros de excelência façam seus pós-doutorados em centros emergentes. “Essa via unidirecional não favorece o crescimento e a consolidação dos centros emergentes, consequentemente não contribui com a descentralização da pesquisa no Estado de São Paulo, descentralização que é desejável”, conclui.

SEMPRE UNESP

Paixão pela comunicação



Divulgação

Ana Raquel Périco Mangili, 22 anos, formada em março de 2017 em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da **Unesp** de Bauru, apresenta distonia generalizada (um distúrbio de movimento), disfonia (alterações na voz) e deficiência auditiva.

Ela ressalta sua ligação intensa com a literatura e o jornalismo. “Foi durante a adolescência que descobri minha paixão pela comunicação escrita e, como sempre gostei de ler, resolvi fazer dessas duas atividades minha futura profissão”, conta.

Em relação aos desafios encontrados por causa de suas deficiências, Ana Raquel

acredita que a falta de acessibilidade é uma questão essencial na sociedade. A jovem relata as dificuldades que teve nas atividades laboratoriais de Rádio e TV, por causa das alterações em sua voz e da surdez. “Já sobre as atividades de telejornalismo, as dificuldades ocorreram por causa do meu distúrbio de movimento, a distonia, que acarreta hiperatividade muscular e posturas corporais instáveis, além também da questão da minha voz”, conta.

No primeiro ano do curso, Ana Raquel desenvolveu uma pesquisa sobre a intersecção entre jornalismo e literatura. “Mas destaco agora meu projeto experimental Blog Dyskinesis, um veículo jornalístico voltado para pessoas com distúrbios de movimento” afirma.



Desde adolescente, Ana Raquel se dedica à comunicação escrita

O site Blog Dyskinesis está disponível em: [<https://dyskinesis.com/>](https://dyskinesis.com/).

Contato: [<ana_rpm@ig.com.br>](mailto:ana_rpm@ig.com.br).

Um futuro para os jovens

Projeto que promove autoconhecimento e escolha profissional entre adolescentes é premiado na ONU

Os jovens podem superar suas dificuldades pessoais, escolher uma profissão de acordo com seu potencial e suas aspirações e, além disso, ajudar a transformar o país. Essa é, em linhas gerais, a ideia que guia o projeto Write Your Future (Escreva Seu Futuro), elaborado por Susana Thamires Kaori Sakamoto Machado, aluna do 2º ano do curso de Relações Internacionais da Unesp de Franca.

Com a proposta, Susana foi premiada no concurso mundial Social Venture Challenge, durante a 19ª edição da Assembleia da Juventude, organizada pela ONU em fevereiro, em Nova York. Ela ficou entre os cinco finalistas do concurso promovido pela ONG The Resolution Project, que registrou cerca de mil participantes de cem países.

O projeto de Susana envolve



Divulgação

Susana: jovens devem ter iniciativa e promover mudança social

oficinas para jovens de 13 a 17 anos, que não têm convívio familiar e moram em casas de acolhimento. “Falta investimento nos jovens, principalmente naqueles que estão mais à mar-

gem da sociedade”, argumenta. A estudante escolheu essa faixa etária porque, aos 18 anos, os adolescentes precisam sair desses locais e escolher uma profissão, sem ter formação

para encarar essa realidade.

Realizadas em dois dias, as oficinas se dividem em dois workshops por dia: um voltado para estimular o autoconhecimento dos participantes e outro para auxiliá-los na escolha de uma profissão. “Nessas atividades, eu trabalho a autopercepção, para que eles entendam melhor sua personalidade, vejam suas qualidades e também onde podem melhorar”, explica Susana. “Ao mesmo tempo, busco ajudá-los a lidar com seus traumas e frustrações.”

A aluna enfatiza que, para elaborar seu projeto, teve apoio de especialistas como um psicólogo. Os materiais utilizados envolvem publicações como a coleção *Aventura humana*, da Editora Evoluir, que aborda autoconhecimento e escolha profissional, e um audiovisual com dicas sobre como se preparar para uma entrevista de emprego.

Susana ressalta que o projeto engloba parcerias com instituições como o Centro de Integração da Cidadania da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, a Editora Evoluir, que fornece material didático, e a Colmeia, entidade que oferece cursos profissionalizantes.

Entre março e abril, a estudante realizou um experimento-piloto com uma turma de adolescentes. “Tive respostas muito positivas”, garante. “Acho importante que os jovens tenham iniciativa, encontrem um tema que os incomode e os motive a promover uma mudança social”, argumenta.

Informações:

Susana T. K. Sakamoto Machado
<susanatksmachado@gmail.com>
Tel.: (11) 95558-1188.

Site da diversidade sexual e cultural

Para tratar de temas considerados tabus como o lesbianismo, um grupo de alunas da Unesp de Bauru decidiu criar o portal Casa de Labrys. Sempre com essa orientação, o espaço apresenta pautas de comportamento, saúde, adolescência, raça e cultura.

A proposta nasceu do TCC de Thamires Motta, estudante de Jornalismo. “O trabalho tinha como objetivo ser um veículo de mídia que falasse sobre invisibilidades, sobretudo aquelas sofridas por pessoas que sofrem processos de marginalização, como mulheres lésbicas e a comunidade LGBT, mulheres negras, etc.”, comenta a editora do site. O projeto, segundo ela, propunha-se a gerar um processo colaborativo, em que as participantes contribuíssem com aquilo que gostam de produzir.

Os conteúdos publicados são decididos em reuniões de pauta feitas a cada mês, que apontam o tema a ser focalizado. A partir dessa definição, as colaboradoras decidem o assunto de que vão tratar em seus textos, dentro do tema estabelecido, de acordo com



Divulgação

Thamires: espaço é destinado a setores como comunidade LGBT

sua afinidade. “No entanto, quando algum tema está em ascensão nas redes sociais, também escrevemos sobre ele”, acrescenta Thamires.

Para a editora, o Casa de Labrys já tem boa capilaridade entre mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais, principalmente as envolvidas em assuntos feministas. “O objetivo é conseguir alcançar pessoas LGBT que não acessam esses espaços e não têm muito acesso às discussões feministas”, assinala. “Mas, em termos gerais, considero que a repercussão vem sendo positiva.”

Endereço do site:
<<http://casadelabrys.com>>

Documentário foca conflito no Saara Ocidental

No dia 3 de maio, ocorreu a estreia da primeira parte do documentário *Um fio de esperança: independência ou guerra no Saara Ocidental*, no auditório da Editora Unesp, na Praça da Sé, em São Paulo. O filme conta a história da resistência do povo saaraui, que luta pela independência de seu território no norte da África, ocupado há 40 anos pelo Marrocos.

O filme é dirigido por Rodrigo Duque Estrada, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp, PUC-SP), e pelo professor da Universidade Federal do Pampa, Renatho Costa. Segundo eles, o objetivo do filme é não só mostrar a situação do povo saaraui, mas questionar também a posição brasileira de neutralidade em relação ao conflito.

A primeira parte do documentário focaliza os acampamentos de refugiados em Tindouf, na Argélia. Conhecidos como República Árabe Saaraui Democrática (RASD), os campos servem como um espaço de exílio para os saaraui. “Eles foram acolhidos pela Argélia para



Rafael Masson

Costa (esq.) e Duque Estrada mostraram primeira parte do trabalho

evitar que fossem dizimados pelo Marrocos”, diz Estrada. O vídeo mostra ainda a visita dos dois diretores a Brasília, onde conversam com deputados e embaixadores.

A segunda parte do filme – que em breve será finalizada –, exibirá a passagem da dupla por zonas liberadas e ocupadas do Saara Ocidental – e, por fim, seu retorno ao Brasil.

Trailer:

<<https://goo.gl/SJEgeA>>
Site oficial do filme:
<<https://goo.gl/ZH6C5F>>
Página do facebook:
<<https://goo.gl/APO6e6>>

Contato com
Rodrigo Duque Estrada
<rodpanzera@gmail.com>

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Desafio UFABC de Empreendedorismo lança 3.ª edição



Luisa Almeida – AUIIN

A Agência de Inovação da UFABC (InovaUFABC) abriu inscrições até 31 de maio para o Desafio UFABC de Empreendedorismo. Voltada para inventores, estudantes e pesquisadores do país, essa competição visa contribuir para a difusão do empreendedorismo na estruturação de negócios inovadores, além de reconhecer e premiar os melhores projetos desenvolvidos. A participação ocorre por equipes de dois a seis participantes e os interessa-

dos devem efetivar a inscrição por meio de formulário disponível no site do evento.

Nas duas edições anteriores, o Desafio recebeu 250 propostas, tendo selecionado 30 projetos finalistas com potencial de negócio, tornando-se a maior competição de novos negócios do ABC.

Para sua terceira edição, o Desafio premiará o vencedor com vaga na Incubadora Tecnológica da UFABC (ITUFABC). Ao segundo e terceiro colocados será oferecido um fast track à ITUFABC, além de premiação em dinheiro.

CONFIRA O CRONOGRAMA DO EVENTO:

- Período de submissão de projetos – 11 de maio a 2 de junho
- Fim do período de inscrições das equipes – 31 de maio
- Final – 28 de junho

Para se inscrever acesse: <https://goo.gl/8vmtDN>. Mais informações podem ser obtidas na Agência de Inovação da UFABC pelo e-mail: det.inovacao@ufabc.edu.br ou (11) 3356-7622.

Laboratório de Geologia/Pedologia de Ourinhos recebe selo do IAC

Professora Maria Cristina Perusi – Responsável pelo Laboratório de Geologia e Pedologia da Unesp/Ourinhos

A análise granulométrica tem por finalidade determinar a dimensão das partículas que compõem uma amostra de solo: areia, silte e argila. Essa determinação é primordial para prever o comportamento físico e mesmo químico desse recurso. Portanto, a acurácia na obtenção dos resultados garantirá tomadas de decisão mais precisas, que vão ao encontro das áreas de interesse das ciências agrônomicas, engenharia civil e ambiental, entre outras.

No ano de 2012, o laboratório de análises físicas do Câmpus de Ourinhos da Unesp cadastrou-se

no Programa Anual de Ensaio de Proficiência do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), destinado a laboratórios de análise de solos para fins agrícolas. A iniciativa visou uma política interna de melhor qualidade para obtenção de dados de granulometria, garantindo, assim, excelência nas pesquisas realizadas.

Para obtenção do selo do programa, os laboratórios cadastrados devem enviar os resultados das amostras “cegas” recebidas durante a reunião anual do IAC, e atingir no mínimo um índice de excelência de 75%. Os laboratórios são cadastrados em

cada conjunto analítico (básico, micronutrientes e granulometria), com as letras A, B, C ou D, conforme a tabela abaixo:

Conceito	Índice de Excelência
A	≥ 90
B	75 a 89
C	50 a 74
D	< 50

Nos anos de 2016/2017, o laboratório da Unesp de Ourinhos atingiu conceito A, ficando entre os dois primeiros do Brasil no ranking de classificação do IAC, em análises de granulometria.

A obtenção do selo representa o reconhecimento de um trabalho complexo de professores, servidores técnico-administrativos e bolsistas, que se empenham durante todo o ano para garantir não somente a maximização, mas também a alta qualidade dos trabalhos.

Merecem agradecimentos especiais os seguintes membros dessa equipe: Jakson José Ferreira, assistente de suporte acadêmico II, sem o qual essa conquista não seria possível; Fátima Aparecida Costa, estagiária do laboratório durante 2016, pela colaboração primorosa durante os procedimentos; professores Andréa Aparecida Zacharias, Edson Luís Piroli e Marcilene dos Santos, pelos recursos financeiros, burocráticos, estímulo e apoio. Aos demais colaboradores, mesmo anônimos, não menos importantes, muita gratidão.



Ranking classifica local entre os dois melhores do Brasil



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Márcio França

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

REITOR: Sandro Roberto Valentini
VICE-REITOR: Sergio Roberto Nobre
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Leonardo Theodoro Büll
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO: Gladis Massini-Cagliari
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: João Lima Sant'Anna Neto
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Cleopatra da Silva Planeta
PRÓ-REITOR DE PESQUISA: Carlos Frederico de Oliveira Graeff
SECRETÁRIO-GERAL: Arnaldo Cortina
CHEFE DE GABINETE: Carlos Eduardo Vergani
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA: Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA: Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO: José Roberto Ruggiero
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS: José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS:
Max José de Araújo Faria Júnior (FMV-Araçatuba), Wilson Roberto Poi (FO-Araçatuba), Luis Vitor Silva do Sacramento (FCF-Araçatuba), Elaine Maria Sgavioli Massucato (FO-Araçatuba), Cláudio César de Paiva (FCL-Araçatuba), Eduardo Maffud Cilli (IQ-Araçatuba), Andréa Lúcia Dorini de Oliveira (FCL-Assis), Marcelo Carbone Carneiro (FAAC-Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), Carlos Frederico Wilcken (FCA-Botucatu), Pasqual Barretti (FM-Botucatu), Maria Dalva Cesario (IB-Botucatu), José Paes de Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre Monteiro (FCAT-Dracena), Célia Maria David (FCHS-Franca), Mauro Hugo Mathias (FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues (FE-Ilha Solteira), Antonio Francisco Savi (Itapeva), Pedro Luís da Costa Aguiar Alves (FCAV-Jaboticabal), Marcelo Tavella Navega (FFC-Marília), Edson Luís Piroli (Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente), Patrícia Gleydes Morgante (Registro), Cláudio José Von Zuben (IB-Rio Claro), José Alexandre de Jesus Perinotto (IGCE-Rio Claro), Guilherme Henrique Barris de Souza (Rosana), Maria Tercília Vilela de Azeredo Oliveira (Ibilce-São José do Rio Preto), Estevão Tomomitsu Kimpara (ICT-São José dos Campos), Valerie Ann Albright (IA-São Paulo), Rogério Rosenfeld (IFT-São Paulo), Marcos Antonio de Oliveira (IB/CLP-São Vicente), Eduardo Paciência Godoy (ICT-Sorocaba) e Danilo Fiorentino Pereira (FCE-Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Marcos Jorge e Maristela Garmes
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Cristiane Hengler Corrêa Bernardo, Ivan Cardoso, Luisa Almeida e Maria Cristina Perusi (texto); Fabiana Manfrim e Rafael Masson (foto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções (diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola) (diagramadores: Ércio Ribeiro, Icaro Bockmann, Kauê Rodrigues, Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 3,5 mil exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4.º andar, Centro, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>



ADOÇÃO SEM FINAL FELIZ

Estudo avalia, pela visão de assistentes sociais, a devolução da criança por quem a adotou

Maristela Garmes

“Adoção é um processo de construção de vínculos, como em diversas outras experiências de relações humanas.” Com essa frase, Angélica Gomes da Silva, assistente social no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, comarca de Uberaba, aponta a complexidade da integração de crianças e adolescentes às famílias que os adotam. O tema foi abordado na tese de doutorado que ela defendeu pela **Unesp** de Franca, intitulada *Quando a devolução acontece nos processos de adoção*: um estudo a partir das narrativas de assistentes sociais no Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Angélica acentua que o conflito pode estar presente na adoção, fazendo parte de um percurso necessário na inserção da criança em sua nova família. “É preciso que as famílias adotivas compreendam que toda criança e todo adolescente encaminhado para adoção vem de uma história com marcas bastante dolorosas e difíceis, que precisam ser cuidadas a vida toda”, adverte.

Por outro lado, ela adverte que os pais adotivos também podem ter suas feridas – e nos encontros possíveis pela adoção, entre “pais e filhos”, elas se expressam de forma mais clara. Diante dos problemas, a intervenção das equipes especializadas pressupõe especialmente a participação das

famílias e a busca por apoio e orientação. “Os profissionais precisam compreender o momento de se aproximar e se afastar, com competência técnica, conhecimento teórico e compromisso ético”, enfatiza. A equipe profissional de acompanhamento desses serviços geralmente é formada por assistente social, psicóloga, advogada, pedagoga e administradores.

DEVOLUÇÃO: SONHO NÃO REALIZADO

“A devolução não é uma experiência rara, infelizmente está presente no cotidiano das comarcas brasileiras”, relata Angélica. Ela conta que esse é um problema que precisa ser reconhecido, debatido e divulgado, pois, na atualidade, esses dados não são mensurados, nem tratados com a relevância que exigem.

Para o estudo, Angélica entrevistou cinco assistentes sociais que atuam em comarcas nas regiões sul e do triângulo do Estado de Minas Gerais, que relataram suas experiências com devolução de crianças nos processos de adoção.

Ela identificou que a devolução geralmente é realizada e encaminhada para o profissional apenas quando a situação alcança um nível insuportável de conflitos entre os pais adotivos e a criança, “com as pessoas bastante marcadas, sofredas e resistentes às intervenções possíveis e necessárias”, diz.

Uma constatação importante da pesquisa são os problemas que o assistente social encontra ao tratar da devolução e, ao mesmo tempo, das outras prioridades do seu trabalho, como demandas de processos, estruturas precárias, equipes reduzidas e forte cobrança e pressão que há na hierarquia do judiciário.

Após a devolução, a criança retorna ao serviço de acolhimento e precisa receber apoio profissional para superar essa vivência, que muitas vezes deixa marcas de sofrimento. Posteriormente, ela poderá ser novamente encaminhada à adoção. “É preciso acreditar que é possível”, conclui Angélica.

Para a orientadora da pesquisa, Ana Cristina Nassif Soares, professora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da **Unesp** de Franca, há poucas pesquisas na área, que é de extrema relevância. “Angélica consegue, com muita sensibilidade e firmeza, abordar essa questão a partir de narrativas de assistentes sociais judiciárias que estiveram no cerne do processo, o que dá visibilidade ao sofrimento, às angústias e às inquietações das mesmas”, diz.

SITUAÇÃO BRASILEIRA

Violência doméstica, abandono, pobreza e dependência química no quadro familiar estão entre os fatores que levam crianças e adolescentes para serviços

de acolhimento. A legislação brasileira orienta que a prioridade é a permanência da criança com a família. Quando ocorre a destituição do poder familiar, porém, o Estado intervém para garantia dos direitos sociais da criança e assim ela pode ser encaminhada para adoção.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por meio do Cadastro Nacional de Adoção (CNA), tem cerca de 7 mil crianças e adolescentes cadastrados, vivendo em situação de abrigo. “O problema é que o número de crianças e adolescentes cadastrados no CNA não corresponde à realidade dos abrigos”, diz Angélica.

O Cadastro, segundo ela, computa apenas as crianças destituídas do poder familiar. “Na verdade, temos milhares de crianças que estão vivendo nos abrigos brasileiros e que aguardam decisão judicial para retorno à família de origem ou encaminhamento para adoção”, esclarece. Ao todo, os abrigos têm hoje aproximadamente 40 mil crianças e adolescentes.

O Cadastro apresenta também 39 mil pretendentes habilitados para adotar essas crianças ou adolescentes. O impasse, diz a pesquisadora, é que a maioria dos pretendentes à adoção desejam uma criança branca, saudável e com menos de 5 anos. A maior parte das crianças que vivem nos

abrigos brasileiros são negras e pardas, em grupos de irmãos, com mais de 6 anos de idade e com deficiências físicas e mentais. Em 2016, o número de adoções foi de 1.226, segundo o CNJ.

ACOLHIMENTO

O Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária, aprovado em 2006 pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, passou a distinguir duas modalidades de acolhimento: familiar e institucional.

No acolhimento familiar, a criança fica com uma família que irá ampará-la por um período e só será encaminhada quando houver decisão judicial determinando se ela irá retornar para sua família de origem ou entrará para adoção. Nesse caso, ela terá mais atenção e será melhor cuidada, explica Angélica: “Nada substitui a experiência de se viver em família”.

A instituições de acolhimento podem ser casas comuns com cuidadoras e auxiliares de serviços gerais, ou instituições maiores, que lembram os antigos orfanatos. Nelas geralmente são ofertados serviços bons, bem organizados, onde a criança é bem acolhida. Por outro lado, é também possível encontrar estabelecimentos impróprios, com lugares sujos, espaços em que ocorrem violência, abuso e negligência institucional.

2

PÁGINA

2017: a condição de vida das mulheres de Araraquara

Edna Martins

Entrevista com Vanderlan da Silva Bolzani

3

PÁGINA

As fantasias virtuais e a violência contra as mulheres

Claudia Prioste

4

PÁGINA

Violência contra a mulher: escravidão persistente

Vivian de Jesus Correia e Silva

FÓRUM



Shutterstock

AVANÇOS E DESAFIOS DAS MULHERES

Os artigos desta edição apresentam algumas questões relativas à posição da mulher na sociedade atual. As pesquisadoras constataam que houve conquistas em diversos campos, que vão da crescente ocupação de posições de destaque no mundo da ciência à criação de locais de atenção

às questões femininas, como o Centro de Defesa da Mulher, em Araraquara. No entanto, a situação presente está muito longe de ser satisfatória. As análises apontam, por exemplo, para a persistência de problemas como a violência, o preconceito e as mais sutis formas de controle das mulheres

de todas as idades, fenômenos que ganham novas dimensões em espaços como a Internet. O momento exige reflexões sobre como garantir os avanços das últimas décadas e ao mesmo tempo enfrentar velhas e novas práticas que impedem uma efetiva igualdade entre mulheres e homens.

2017: A CONDIÇÃO DE VIDA DAS MULHERES DE ARARAQUARA

Edna Martins



Shutterstock

Nesses anos de luta pela garantia de direitos das mulheres de Araraquara, vi muitas mudanças acontecerem.

Saímos de uma situação de nenhum serviço ou política pública municipal destinada às mulheres para um conjunto importante de políticas reconhecidas por muitas cidades.

Foi a inexistência de políticas e a total falta de atenção do poder público e, é claro, a sensibilidade para perceber o sofrimento das mulheres que motivaram, na década de 1990, a criação do Cedro Mulher – Centro de Defesa dos Direitos da Mulher.

O Cedro foi a primeira organização da sociedade civil de Araraquara de defesa dos direitos das mulheres. Publicizou que a situação de desigualdade das mulheres é fruto de uma sociedade machista; portanto, não basta atuar nos efeitos desse fenômeno, mas nas causas. Foi assim que um grupo de mulheres corajosas, em Araraquara, colocou em movimento uma pauta de lutas: saúde de qualidade, combate à violência, combate ao assédio sexual, participação política das mulheres, parto humanizado e a exigência de políticas públicas para enfrentar esses problemas.

[...] Infelizmente, o que vemos ainda, em pleno século XXI, é lamentável.

Nossa agenda trata de salários menores, baixa representação na política, assédio sexual, propaganda sexista, falta de creche, violência, padrão de beleza, estupro, violência, muita violência.

Preconceito e discriminação!

[...] Caras amigas, hoje vemos um jogo de imagens e discursos modernizantes veiculados por meio de velhas e novas tecnologias maçantes. Tais discursos disfarçam e confirmam velhas imagens e velhos comportamentos que reforçam a discriminação e o preconceito em relação às mulheres.

Passamos a reivindicar tudo e, ainda, buscamos o básico! E tudo isso se mistura numa bela fantasia da igualdade que a esquerda e a direita dizem querer garantir. Nem direita, nem esquerda, basta ver a composição das direções partidárias, os resultados eleitorais. [...]

[...] Em Araraquara, construímos um protocolo de atendimento às vítimas de violência doméstica. Foi um projeto construído a muitas mãos, todas as instituições que fazem parte

Carência gerou Centro de Defesa dos Direitos da Mulher

da rede de atendimento participaram. Saúde, assistência, assessoria LGBT, gestores dos programas dos idosos, delegacia da mulher. Conseguimos fazer uma capacitação com servidores e com mulheres em parceria com um programa internacional. No entanto, não avançamos o suficiente. Trata-se de trabalhar de maneira articulada, os vários serviços e portas de entrada da vítima de violência. [...]

Mas esses projetos só vão adiante se tiver vontade política, apoio e empenho do governo municipal.

[...] Em Araraquara, no nosso âmbito de atuação, precisamos, urgentemente:

- Garantir vagas nas creches em quantidade suficiente para que as mulheres tenham condições de trabalhar, com a garantia que seus filhos estejam seguros.

- Garantir acesso à saúde para as mulheres. Pré-natal de qualidade, parto humanizado (colocar em prática o protocolo de atendimento às gestantes de Araraquara), cuidado com idosos e crianças que, em sua maioria, estão sob os cuidados da mulher.

- Combater todas as formas de violência. Colocar em prática o protocolo de atendimento às mulheres vítimas de violência se faz urgente. Divulgar a lei da Parada Segura. Garantir o cumprimento da Lei Maria da Penha.

- Condições de trabalho. Promover o trabalho feminino e seu direito a tratamento e salário iguais aos dos homens para as mesmas funções.

Em comemoração aos 200 anos de Araraquara, poderíamos garantir o trabalho em torno de uma pauta à altura dos problemas das mulheres de Araraquara, com planejamento e empenho, como sinal de nosso amadurecimento. [...]

Edna Martins é socióloga e doutora pela Faculdade de Ciências e Letras da **Unesp**, Câmpus de Araraquara.

A íntegra deste artigo está no "Debate acadêmico" do *Portal Unesp*, no endereço: <<https://goo.gl/d93BpX>>.

HOUVE AVANÇOS NA CIÊNCIA, MAS HÁ MUITO A CONQUISTAR

VANDERLAN DA SILVA BOLZANI
Por Oscar D'Ambrosio

Desde a celebração do Ano Internacional da Química, em 2011, Vanderlan da Silva Bolzani participa de várias conferências internacionais sobre o papel das mulheres na ciência. Professora titular do Instituto de Química (IQ) da Unesp de Araraquara, a pesquisadora é vice-presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

CADERNO FÓRUM: Houve avanços concretos na posição da mulher na ciência?

VANDERLAN DA SILVA BOLZANI: Governos, organizações como a ONU e associações científicas empenham-se hoje em promover, estimular e apoiar iniciativas que levem à mudança das estruturas sociais responsáveis pela desigualdade entre homens e mulheres no campo da educação e da ciência. Nesse sentido, nós pesquisadoras e educadoras, neste início do século XXI, podemos nos beneficiar de avanços concretos obtidos nas últimas décadas. A presença das mulheres no espaço oficial da ciência é, em termos históricos, muito recente. O caso de maior impacto é o de Marie Sklodowska Curie (1867–1934), primeira mulher a receber o Prêmio Nobel nas áreas de Física (1903) e Química (1911) e primeira cientista a receber a dupla premiação.

CF: E em relação aos cargos de direção?

VANDERLAN: O número de cientistas criativas, talentosas e bem-sucedidas foi crescendo ao longo do século XX. Mas se essa mudança trouxe uma prova de qualidade, não se traduziu em um processo de participação igualitária das mulheres nas faixas média e alta das carreiras e, sobretudo, nos postos de direção. O fenômeno da sub-representação das mulheres nas carreiras científicas e, de forma geral, no campo conhecido como STEM (da sigla em inglês science, technology, engineering and mathematics), está presente nas economias avançadas. Nos EUA, levantamento de 2013 mostrou que apesar de as mulheres constituírem 46% da força de trabalho ocupavam apenas 27% dos postos em ciência e engenharia. E informações do relatório SHE Figures, da Comissão Europeia, de 2012, mostram que na etapa inicial da carreira acadêmica os postos para jovens doutores estão divididos entre 70% (homens) e 30% (mulheres). Já na etapa final, quando são considerados pesquisadores seniores, apenas 10% das mulheres chegam a essa condição.

CF: E no Brasil?

VANDERLAN: No Brasil, a sub-representação das mulheres vem se alterando rapidamente na base da pirâmide educacional. Segundo o censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educa-



Divulgação

Liderança feminina continua exceção nas sociedades científicas do país

cionais Anísio Teixeira (INEP), de 2000 a 2012, o número de mulheres que concluiu o ensino médio é ligeiramente superior ao de homens. Nos cursos de graduação, considerando-se todas as carreiras, em 2012, elas representam 57,1% dos concluintes. O ano de 2010 marca o ponto de equilíbrio quanto ao gênero, no número de pesquisadores registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os 128,6 mil pesquisadores então relacionados na base de dados do órgão estavam divididos igualmente entre homens e mulheres. Uma mudança frente à situação no início do levantamento (1995), quando essa proporção mostrava 60% para homens e 40% para mulheres. Ao final desse período (1995–2010), o número de mulheres (52%) ultrapassou o de homens (48%) como líderes dos grupos de pesquisa no CNPq. Os números são mais escassos quando se trata de postos de direção e chefias da Universidade. No entanto, um reflexo desse desequilíbrio pode ser visto nos quadros dirigentes das principais sociedades científicas do país, onde as lideranças femininas continuam sendo exceção. As mudanças nesse panorama dependerão de nós, que devemos continuar a luta por um mundo mais equilibrado, onde cientistas mulheres e homens sejam protagonistas não apenas da geração do conhecimento que desvende os segredos do universo, mas, também sejam lideranças na luta de construção de um mundo mais harmonioso.

Leia artigo e poema da entrevistada sobre o tema em: <<https://goo.gl/uoTYOZ>>.

AS FANTASIAS VIRTUAIS E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Claudia Prioste



Shutterstock

A sociedade tem passado por intensas transformações, mobilizadas, em grande parte, pela Internet. Se, de um lado, se amplia o acesso às informações, de outro, a hiperconectividade pode produzir alterações no funcionamento psíquico, inclusive em nossas fantasias.

Freud acreditava que as fantasias estavam vinculadas aos desejos inconscientes e determinavam a maneira pela qual o sujeito interpretava sua realidade.

Para Lacan, nossos desejos são formados pelo desejo do Outro. Entendia esse Outro como as insígnias culturais que nos seriam transmitidas desde a infância e que cada um introjetaria a seu modo.

Ocorre que esse Outro da cultura globalizada é guiado pelas “mãos invisíveis” do mercado, e se faz presente nos dispositivos televisuais. Esse Outro tem atuado por meio de um psicopoder tecnológico alimentado pelas pulsões perverso-polimorfos.

Pode parecer um pouco estranho, mas Freud identificou que as crianças desde pequenas possuíam pulsões perversas: sádicas, masoquistas, voyeurísticas e exibicionistas. No entanto, com os processos educativos, parte dessas pulsões seriam convertidas em atividades culturalmente relevantes.

Na sociedade de consumo, ao invés de serem sublimadas, tais pulsões são hiperestimuladas e exploradas comercialmente, se transformando em “matéria-prima” das chamadas fantasias virtuais.

Em meu livro *O adolescente e a Internet: laços e embaraços no mundo virtual* apresento uma pesquisa na qual identifiquei as seguintes fantasias nas meninas: a amada-escolhida; a mãe-bebê e a fantasia de ser celebridade.

São fantasias culturalmente engendradas que podem ser usadas no controle dos corpos femininos. Se definir mulher ao ser escolhida ou não por um homem? Se definir mulher a partir da maternidade? Se definir mulher a partir da oferta de seu corpo ao prazer masculino?

O problema é que muitas meninas se submetem a situações abusivas em função dessas

fantasias, sem questioná-las.

Em relação aos meninos identifiquei predominantemente fantasias sádicas e de poder. Desde cedo são estimulados às disputas e aos games violentos. Um deles, o GTA, possui cenas fortíssimas de violência sexual e, apesar de proibido para menores de 18, é amplamente jogado por crianças.

Nos sites de pornografia ou nas salas de bate-papo predominavam vídeos de pedofilia, zoofilia e estupros coletivos, cujas vítimas eram sempre mulheres.

Esse tipo de exposição intensa e precoce pode criar no menino um padrão de satisfação sexual perversa que irá influenciar suas relações, podendo inclusive afetar o investimento nas atividades intelectuais.

Os filósofos Adorno e Horkheimer, nos anos de 1940, demonstraram como a exploração da libido na sociedade capitalista induzia o desprezo à mulher, estimulando um prazer que, ao invés de se aliar à ternura, se alia à crueldade.

Assim, muitos meninos ou mesmo adultos, ao experimentarem repetidamente fantasias virtuais sádicas, podem ser privados de vivências amorosas concretas restauradoras. Ao se submeterem a um padrão de gozo destrutivo também estão mais vulneráveis às pulsões autodestrutivas, pois não desenvolvem a capacidade de cuidar bem de si, nem do outro.

É muito importante que prestemos atenção às fantasias virtuais, pois elas podem contribuir para a banalização da violência contra a mulher. Além disso, é essencial que as famílias e as escolas atuem na proteção on-line das crianças e adolescentes.

Claudia Prioste é psicanalista, professora do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Araraquara. Coordena o grupo de pesquisa “A formação do sujeito na era digital”.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço: <<https://goo.gl/cLcgkD>>.

Adolescentes e crianças precisam de proteção on-line

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ESCRAVIDÃO PERSISTENTE

Vivian de Jesus Correia e Silva

Sempre as últimas a se servir à mesa e as primeiras a receberem as críticas pela refeição preparada. Responsáveis vitalícias pela louça na pia e pela limpeza do banheiro, os parentes as ocupam sem cessar e não se ocupam em pensar sobre isso. Isso sempre me intrigou, violência contínua, daquelas que não aparecem nas estatísticas, mas comprometem toda uma existência.

A primeira mulher de que lembrei, vítima desse tipo de violência, é minha parente, mas pode ser sua parente também. Idosa, sua saúde é excelente, está bonita. Mas o desrespeito e a violência a acompanham da hora que acorda até o momento de dormir, no cotidiano e nas festas de fim de ano. E ela segue vivendo, inocente e útil, achando que a vida precisa ser assim.

Lembrei também da avó de um ex-paciente. Oriental gentilíssima. Quando o neto não podia vir, qual fosse o motivo, ela vinha pessoalmente justificar a ausência. Chamava a atenção ela vir até mim, às vezes depois de muito aguardar na sala de espera. Percebi tanta coisa nessa mulher, responsável pelo neto que os pais não queriam, útil e violentada, e inocente ainda.

Por fim, passou pela minha cabeça uma ex-aluna. Depois de “dar a volta por cima” da história de violência sexual e pobreza, seguia sem conseguir completar o movimento e “sacudir a poeira”. Assim, pesava sobre seus olhos uma poeira sinistra que a impedia de dar limites para os parentes e para a igreja, impotente diante da exploração sofrida.

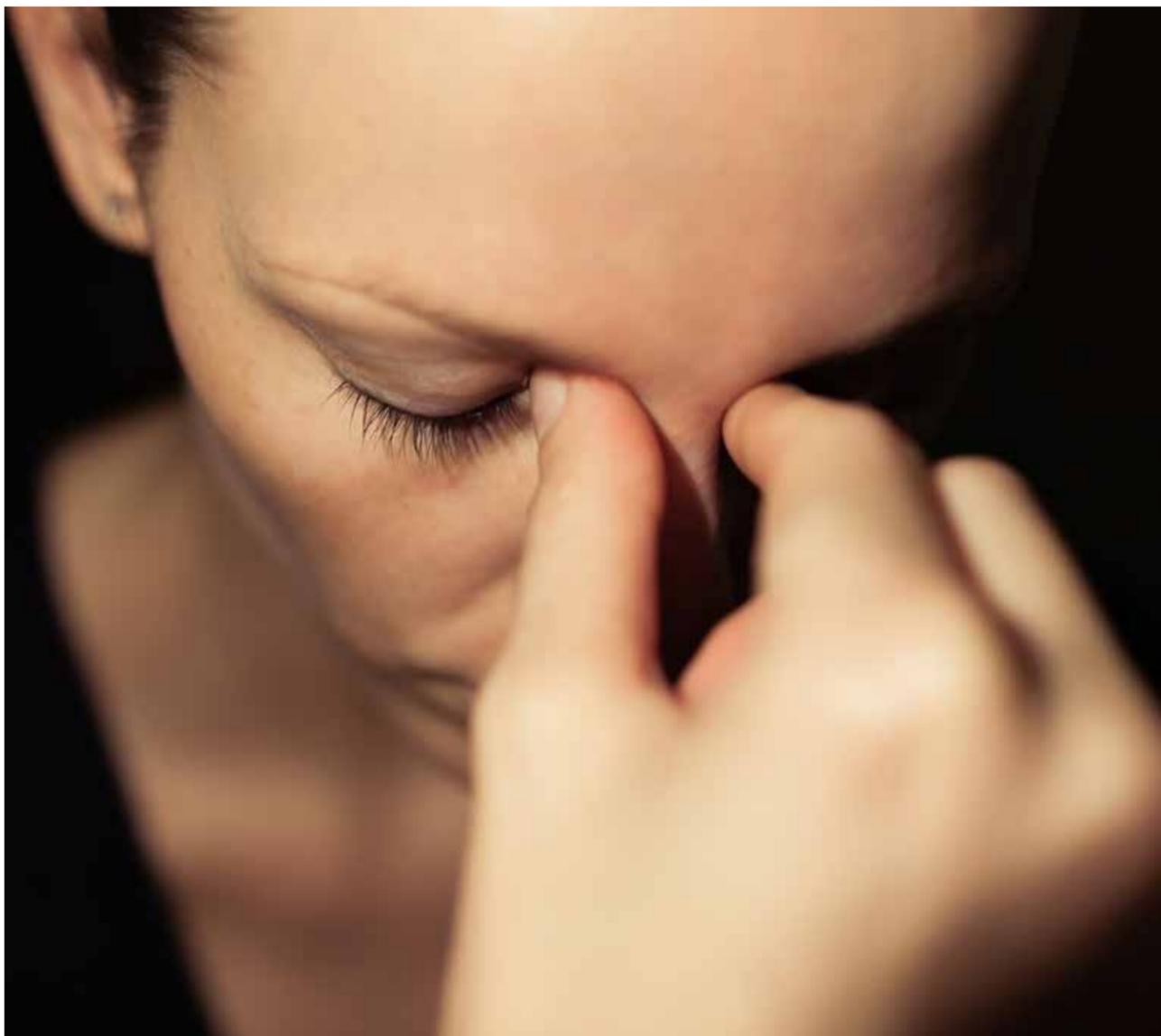
Idades e contextos diferentes, o que há de coincidência? Todas essas mulheres violentadas são escravas. Sim, escravas. Dos parentes, do conceito de gênero e de família.

Sei que as vítimas de violência mais frequentes, infelizmente, ainda são as mulheres negras e pobres. Com tantos direitos usurpados, o direito a viver sem violência é violado constantemente. As travestis, transexuais e transgêneros que, pela simples atuação social no papel feminino, também sofrem violências e manifestações gratuitas de ódio e repulsa.

Contudo, esses tipos de mulheres não me assustam. Remando contra a maré, estão fortes na suposta fragilidade, mistura de músculos com glamour, rendas e suor. A vida, a cor, a sexualidade, marcadores sociais numa cultura capaz de as expor aos perigos e injustiças desde muito cedo. A capacidade de lutar foi aumentando. Força e dignidade sendo lapidadas dia a dia, mesmo que a custa de sangue, às vezes mais do que de lágrimas.

Posso lembrar das muitas mulheres negras e pobres que já presenciei denunciando, das mulheres (biologicamente definidas ou não) frequentando redes de cuidados, delegacias, procurando setores de assistência psicológica, social, e até de assistência jurídica. Levando consigo sua luta e seus sonhos pessoais, e conscientes de que suas ações são a via de proporcionar não só a elas mesmas – mas a todos nós – uma vida melhor.

São diferentes das mulheres que me vieram à cabeça e que me apavoram. Sem perceber o abuso, são poucas as chances de transformação. E o pior, eu percebia que, à medida que deixavam de ser úteis ou corresponder às expectativas dos parentes, eram violentamente punidas com a rejeição, a indiferença, a difamação, e até com ameaças de perder o precário apoio que porventura possuíam.



Shutterstock

Rede mantém vítimas na linha de loucura, exclusão e desespero

Não podiam ficar doentes.

Não podiam ter tempo para si mesmas.

Não eram acolhidas em seus erros ou dificuldades.

Tinha a nora que elegeu a casa da sogra como creche 24 horas. Havia a mãe que jogava a irmã menor aos cuidados da mais velha. Tinha o irmão que roubava dinheiro da carteira da irmã, e não via isso como roubo. Inclusive, ninguém o censurou por ele, além disso, morar com ela sem pagar nenhuma conta por uns tempos. Tinha o filho “independente”, morando sozinho e deixando na casa da mãe suas roupas sujas para ela lavar. E passar. Nem preciso dizer que ele não pagava por isso. Também tinha aquela outra mãe cuja casa se tornou abrigo permanente de animais de estimação rejeitados pelos filhos que nunca viveram o lado B dos fofos bichinhos, que contempla o recolhimento das fezes ou a retirada dos pelos entranhados nos estofados da casa.

Convém destacar a igreja que prometia libertar a todos, mas alimentava a rede de escravidão feminina, ao colocar a família como sagrada e considerar a de-

dicação dessas mulheres como obrigação. Trabalho estressante, não remunerado e sem direitos de folga, décimo terceiro, férias ou aposentadoria. E ajudava a massacrar com exclusões, punições e culpabilizações a mulher que se mostrasse diferente da maioria escravizada.

Violência contínua é aquela que continua justamente porque a pessoa pouco percebe como entrou naquela situação e menos ainda sabe sobre as possibilidades de sair dela. Entende como destino e aceita, com assustadora resignação, que viver sendo mulher implica em aceitar tais situações. E, ao invés de estatísticas, leis ou de rede de cuidados, ela encontra a sua volta uma rede de intensa violência velada, de descrédito às suas dores, disposta a sempre devolvê-la a um patético papel. Mantendo-a na linha da escravidão e do desespero, da loucura e da exclusão, quem ouve suas reclamações... E se ela chorar, sangrar ou reclamar, não há sobressaltos, afinal, sangue, lágrimas e reivindicações são comuns na rotina das mulheres. E dos escravos. Será que Mulher chora à toa?

Vivian de Jesus Correia e Silva é mestra e doutoranda em Psicologia e Sociedade pela **Unesp** de Assis.

Este artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço: <<https://goo.gl/7GgbL0>>.